

TANTO FAZ QUE NADA FEZ

Aluna: Letícia Canova

Orientadora: Prof^a Dr^a Carolina Vaitiekunas Pizarro

Bauru, 2024



TANTO FAZ QUE NADA FEZ

Aluna: Letícia Canova

Orientadora: Prof^a Dr^a Carolina Vaitiekunas Pizarro

Bauru, 2024



Projeto de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Design - habilitação em Design de Produto, pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de Bauru. Orientadora: Prof^a Dr^a. Carolina Vaitiekunas Pizarro

C227t Canova, Letícia
Tanto faz que nada fez : Série fotográfica autoral /
Letícia Canova. -- Bauru, 2025
66 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Design) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e
Design, Bauru

Orientadora: Carolina Vaitiekunas Pizarro

1. Design. 2. Fotografia. 3. Expressão. 4.
Sentimento. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados
fornecidos pelo autor(a).

*Se tens um coração de
ferro, bom proveito.
O meu, fizeram-no de
carne, e sangra todo dia.*

- José Saramago

AGRADECIMENTOS

Seria impossível passar por esse projeto sem lembrar de todos aqueles que cruzaram meu caminho. Acredito que as pessoas ao meu redor fazem toda a diferença e sou feliz ao dizer que sou um pouco de cada uma.

Agradeço primeiramente aos meus pais por todo o apoio (emocional, educativo e financeiro) que me permitiu trilhar o caminho com mais calma. Ainda sobre família, agradeço ao meu irmão por sempre ser um exemplo de tudo que mais admiro.

Sou imensamente grata pelas amizades que fiz ao longo desse anos, que só não cito nome por nome por achar que ficaria uma lista muito extensa. Agradeço por ter dividido casa e coração com meus amigos que hoje formam(os) o Estúdio Offsete, são as pessoas que me ajudaram a crescer e ver o mundo com olhos mais doces.

Para quem esteve ali de pertinho, agradeço ao meu companheiro Guilherme que me acalmou e incentivou todo o tempo, sempre me lembrando que tinha com quem contar.

Um agradecimento mais que especial a ela, minha modelo e melhor amiga, Ana Laura, a quem já disse “obrigada” dezenas de vezes e direi mais vinte. É muito bom contar com uma amizade que sempre está lá para te ajudar.

Não posso esquecer do empurrãozinho dado para o início desse projeto pela Prof^a Dr^a Laís Akemi, muito obrigada por acreditar em mim na área que também é sua paixão.

E por fim, agradeço a Prof^a Dr^a Carolina Pizarro, que me orientou nesse projeto com tamanha maestria e carinho. Fico aliviada em saber que pessoas como você fortalecem a educação e o encanto pela profissão tão fundamental no nosso país.

A você leitor,
muito obrigada!

RESUMO

Tanto faz que nada fez é um projeto autoral que tem como ponto de partida algumas incessantes inquietações pessoais. Em meio a uma fase incerta sobre escolhas, através da psicoterapia, fui capaz de enxergar em devaneios visuais um pouco do que me atormentava. A partir dessa constante situação e o encanto pela fotografia, decidi externalizar um pouco do que sinto para, assim, dar fluidez àquilo que tanto me enrijece. É através da linguagem fotográfica que apresento, em seis composições em escala de cinza, um trabalho de conclusão de curso na área de design que busca gerar reflexões e ilustrar contextos específicos mas tão vividos por nós.

Palavras-chave: Design, Fotografia, Expressão, Linguagem, Sentimento

ABSTRACT

“Tanto faz que nada fez” is an authorial project that has as its starting point some persistent and personal concerns. During an uncertain phase regarding choices, through psychotherapy, I was able to glimpse in visual daydreams that reflected some of what troubled me. Based on this constant situation and the fascination with photography, I decided to externalize a part of what I feel, in order to give flow to what has been constricting me. Through photographic language, I present, in six grayscale compositions, a design-focused final project that seeks to spark reflections and illustrate specific contexts that resonate deeply within us.

Keywords: Design, Photography, Expression, Language, Emotion

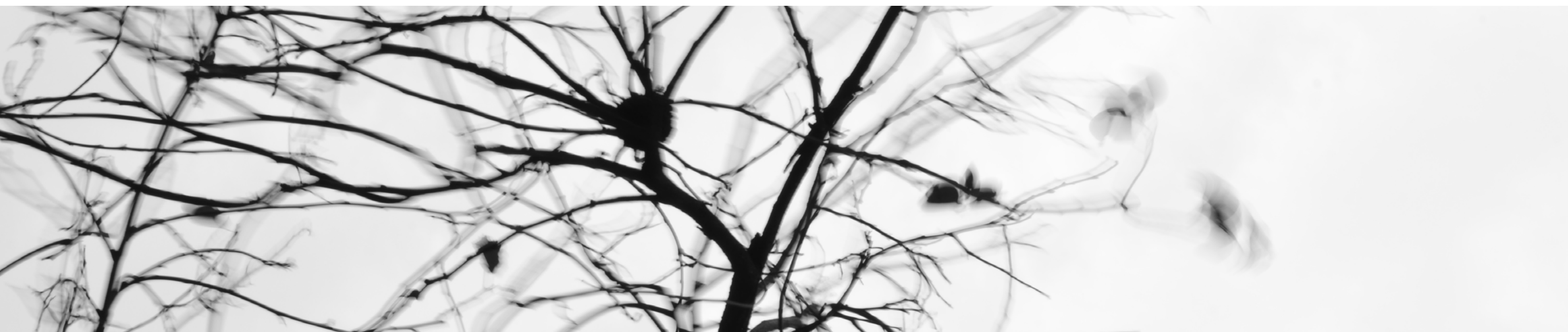
SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	5
2.JUSTIFICATIVA	8
3.OBJETIVOS	9
3.1Objetivo geral	9
3.2Objetivos específicos	9
4.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
4.1Breve contexto sobre os campos da fotografia	10
4.2A fotografia como expressão	13
5.METODOLOGIA	15
6.PROCESSO	17
6.1Congestionamento	24
6.2Desventura	28
6.3Abstrato	32
6.4Águas rasas	36
6.5Remendo	40
6.6Evasão	44
7.RESULTADOS	51
8.CONSIDERAÇÕES	59
9.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

INTRODUÇÃO

Uni duni tê. Escolhas são peças para que possamos caminhar por toda a nossa vida, cada qual com sua consequência: positiva ou nem tanto. Antes do termo multiverso ficar em evidência, arrisco dizer que é um conceito que nós já exercitávamos a cada necessidade de tomar uma decisão. Vários “e se...?” rodeiam o presente, o passado e principalmente o futuro.

*E se eu for
E se eu for por esse caminho
E se eu for corajosa
E se eu for me arriscar
E se eu for aprender algo novo
E se eu for... eu*



Houve um choque na transição do caminho pré-escrito (período escolar) para o que chamamos de página em branco que é a vida. Por dois anos me arrisquei a tentar algo novo, na qual a porta de entrada foi a fotografia.

A área criativa se mostrou diferente do que já me era familiar e, agora, cheia de novos impulsos, necessidades, desejos e medo, me dei conta de que o mundo é gigante. Possibilidades, ações, pessoas, caminhos... Uma grande incerteza e abstracionismo se tornaram parte de mim.

Segui.

Projetista. Acredito que essa seja a melhor palavra na língua portuguesa para representar o que um(a) designer pode fazer. Dentro da imensidão de possibilidades que a carreira pode seguir, projetos vão estar no centro de tudo. Vi com bons olhos essa área que me permitiria um leque de possibilidades e a aventura de experimentar.

Essa instabilidade estaria disfarçada de aventura? Todas essas oportunidades renderiam algo além de histórias?

Em meio a esses anos, as escolhas e as fugas tiveram um impacto destrutivo. O medo pelo erro, pela má escolha, pelo caminho que não renderia frutos... a ausência de brilho nos olhos trouxe a apatia. Aquele impulso inicial pela área criativa foi sendo anuviado por alguns baques da realidade, tanto em nível individual quanto epidêmico.

A reta final pede coragem e direcionamento. Vaguei. Vaguei por um ano tentando entender como eu me via nisso tudo e como eu gostaria de me ver no futuro. Acredito que caí mais uma vez na armadilha daquela ansiedade que paralisa.

Ser livre é estar presa a si.

O homem está condenado a ser livre, condenado porque ele não criou a si, e ainda assim é livre. Pois tão logo é atirado ao mundo, torna-se responsável por tudo que faz (SARTRE, J., O Ser e o Nada, 1943).

Me peguei lembrando da Letícia de 18 anos, aquela que decidiu escolher o design por entender (ou tinha a esperança de) que essa área poderia ramificar diversos caminhos. Caminhos esses que estaria disposta a percorrer. Por muito tempo eu jogava para baixo do tapete, mas é tão bom assumir: eu sou apaixonada por fotografia. E em meio a tanta apatia, ter algo que faz seu coração bater mais forte é um alívio.

Tenho a plena consciência que há inúmeras referências que eu poderia ter trazido e alimentado o projeto. Mas eu corri. Corri porque já tinha ficado parada demais, em silêncio.

Quanto mais o tempo passava, mais a garganta se apertava na angústia.

Mas me desprendo de algumas amarras, só assim vou entendendo a fluidez da fonte que o processo criativo bebe. E percebo quantas vezes me vi estática em diversos momentos em que criar se tornava um fardo. Logo eu que escolhi o design como foco nesses anos.

Se design é projeto, apresento aqui um projeto de interpretação, transcrição e exposição daquilo que não é visível. *Não mais serei rasgada em silêncio.*

JUSTIFICATIVA

Esse projeto autoral se justifica pela necessidade de sentir e materializar, através de uma série fotográfica, diversos momentos, sentimentos e percepções de um recorte temporal da autora. É um exercício e aprofundamento de habilidades teóricas e práticas adquiridas como designer, artista e fotógrafa obtidas ao longo da graduação.

Como em mais uma etapa dos ciclos que vivemos, a conclusão desse período pode ser vista de diversas formas. O que me causou uma pressão absoluta pode ser o mesmo que vai desatar estes nós.

Metalinguagem.



OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Tanto faz que nada fez tem como objetivo principal o desenvolvimento de uma série de fotografias com temática mais introspectiva e expositiva de assuntos que *nem sempre conseguimos externalizar*, mas causam uma confusão no lado de dentro.

3.2 Objetivos específicos

Vejo aqui uma oportunidade para trabalhar na área da fotografia que sempre tive encanto, mas me faltava incentivo e propósito para me expor em um processo que, internamente, seria cheio de altos e baixos. É durante esse trabalho que viso aprofundar leituras a respeito de fotografia; aprimorar habilidades de composição, técnica e edição fotográficas.

Nessa jornada desafiadora também enxergo formas de trabalhar autoconhecimento e, tirando proveito da bagagem como designer, expressar através de uma produção visual o que nos é invisível.

Eu que sempre voltei os olhares pra fora, resolvi escolher esse momento para olhar pra dentro.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Breve contexto sobre os campos da fotografia

Será que é possível a humanidade, em sua maioria, viver da mesma maneira sem o apoio de imagens fotográficas? A cada geração o acesso à fotografia se mostra mais democratizado e, hoje em dia, está ao alcance da palma da mão de grande parte das pessoas em países subdesenvolvidos. O que antigamente poderia significar apenas um registro único da família, temos agora como uma ação cotidiana.

(...) aquilo que a fotografia fornece não é apenas um registro do passado mas um modo novo de lidar com o presente, como atestam os efeitos dos incontáveis bilhões de documentos fotográficos contemporâneos (SONTAG, 2003, p. 92).

Em questão de dois séculos tivemos mudanças significativas na evolução do processo fotográfico para chegar nas possibilidades técnicas e criativas que conhecemos hoje. Quando os primeiros registros surgiram no começo do século XIX, além de enfrentar a resistência dos antimodernos, naquela época “em que tirar fotos demandava um aparato caro e complicado — o passatempo dos hábeis, dos ricos e dos obsessivos” (SONTAG, 2003, p. 10), a fotografia era vista como um privilégio para poucos.

Segundo Rouillé (2009), a invenção de Niépce-Daguerre, que mudaria a forma de comunicação nos próximos séculos, foi anunciada na França e Inglaterra em 1839, no epicentro da era industrial, ampliando o acesso à fotografia para além dos grupos restritos que detinham conhecimento de tal equipamento e manuseio. O processo, baseado em uma placa de estanho e horas para registrar a captação, passou para uma placa de cobre revestida com prata e sensibilizada com vapor de iodo, concluída em segundos.

Com os avanços tecnológicos e maior acessibilidade, a fotografia foi ganhando espaço comercial, como o aumento da demanda por retratos. A identidade de indivíduos e de famílias, até então eternizadas por pinturas, passa a ser representada de forma muito mais rápida por meio da imagem fotográfica.

Além disso, para Rouillé (2009), a fotografia na metade do século XIX veio, também, para combater a crise de confiança que afligia o valor documental das imagens manuais. Através dos avanços globais da modernidade na metade do século XIX, a fotografia, enquanto máquina de ver, propunha novos procedimentos de investigação, evidências e a colocação do real em imagens (p.98). A documentação de diversos assuntos como:

tipos da raça humana, famílias de animais, espécies de plantas, amostras geológicas e tudo que pudesse interessar às ciências físicas e naturais se apoiaram nessa nova tecnologia (ROUILLÉ, p.99).

A fotografia documento não se limitava a um único nicho, ela expressou ramificações em diversos caminhos, como: retratos, registros científicos, paisagens, referenciais de anatomia e, mais tarde, para comunicação em massa. Rouillé (2009) afirma que personalidades reais como trabalhadores só ganharam representação a partir da Comuna de Paris, e, pela primeira vez “a capital não é remetida às construções (...), mas habitada por indivíduos concretos, que lutam, que vivem e que vão morrer” (p.32).

Desde o seu início, a fotografia implicava a captura do maior número possível de temas. A pintura jamais teve um objetivo tão imperioso. A subsequente industrialização da tecnologia da câmera apenas cumpriu uma promessa inerente à fotografia, desde o seu início: democratizar todas as experiências ao traduzi-las em imagens [...] Assim como a industrialização propiciou os usos sociais para as atividades do fotógrafo, a reação contra esses usos reforçou a consciência da fotografia como arte (SONTAG, 2003, p. 10).

No quesito tecnológico, foi em 1877, com a criação do filme flexível, que George Eastman expandiu a fotografia para além do domínio daqueles com maior poder econômico: “A introdução da máquina de filme de rolo flexível barateou os custos e fez surgir muitos novos fotógrafos” (MARTINS, 2014, p.49).

O lançamento foi um marco na história da fotografia, e a evolução dos equipamentos, lançamentos de filmes em rolo, negativos e papéis fotográficos alavancaram o uso amador. O prestígio, que era de uma pequena parte da sociedade, passa a ser o encantamento de muitos, ou seja, uma nova possibilidade para que as pessoas fotografassem e documentassem o próprio cotidiano. As famílias passam a experimentar, cada vez mais, o mágico meio de comunicação que possibilita criar suas próprias representações e construir a imagem de si (PEREIRA, p. 18, 2020).

De acordo com Rouillé (p. 236), enquanto a pintura e a literatura ficaram submetidas à boa vontade dos patrocinadores e mecenas, a fotografia rapidamente conheceu os movimentos de autonomização, acompanhado pela ascensão da sociedade industrial no século XIX.

Rouillé (2009) comenta que “transcrever sem escolher é o que afasta a fotografia da arte

e a delimita irremediavelmente ao domínio do documental” (p.102). Contudo, de acordo com Sontag (2003), a visão do fotógrafo interfere diretamente na imagem em si, assim como na escolha das configurações técnicas:

(...) os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas. Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos (SONTAG, 2003, p. 10).

Com base nestas reflexões é possível analisar que a fotografia mostrou potencial para diversas representações da sociedade e de grupos étnicos, a documentação de culturas e “o registro das paisagens urbana e rural, a arquitetura das cidades, as obras de implantação das estradas de ferro, os conflitos armado e as expedições científicas” (KOSSOY, 2001, p.26). Junto a isso, por mais de um século, a fotografia alternava entre aprimoramentos tecnológicos e discussões a respeito de suas finalidades. No caráter artístico a discussão parecia incessante: galerias, autônomos e a academia enfrentavam embates para conseguir estabelecer se a linguagem fotográfica se inseria em uma forma de arte e expressão.

O que não se pode negar é que a fotografia, embora não seja, antes de tudo, uma forma de arte - assim como a linguagem que pode-se fazer discursos científicos, memorandos burocráticos, cartas de amor e lista de compras - é capaz de gerar grandes obras com subjetividade, estética e diversos propósitos (SONTAG, 2009, p. 83), tudo depende do autor.

4.2 A fotografia como expressão

Desde o início a fotografia se diversifica, e, segundo Freund (1976), isso ocorre devido à sua aceitação por todas as classes sociais, “desde o operário, o artesão, o funcionário, até os donos das indústrias” (p.08). Com o desenvolvimento tecnológico e maior acesso, esta apreciação se torna ainda mais evidente à medida que muitos podem compartilhar a fotografia como uma nova possibilidade de comunicação, informação e expressão pessoal.

De forma geral, no século XX, as fotografias passaram a explorar de forma muito mais intensa sua capacidade de expressão, e, de acordo com Rouillé (2009), “rompendo tanto com a designação (nitidez das linhas, das formas, das luzes, das atitudes), quanto com a sugestão (as múltiplas variações do desfocado)”, ao passo que também passam a representar as crescentes subculturas e comunidades da época, se adaptando “às atitudes visuais de uma geração, à seus modos de vida” e gerando identificação com o público (p. 166).

Rouillé (2009) ainda traz o conceito de fotografia-expressão, na qual “as visibilidades não se extraem diretamente das coisas, mas produzem-se indiretamente, trabalhando a forma, a imagem e a escrita fotográficas” (p. 163), com sua completude. Pode-se dizer que a fotografia-expressão não se limita à sua capacidade visual, mas se enriquece justamente no momento de interpretação do outro, do espectador.

A equivalência sem brechas entre as imagens e as coisas apoiava-se em uma tripla negação: a da subjetividade do fotógrafo; a das relações sociais ou subjetivas com os modelos e as coisas; e a da escrita fotográfica. É o inverso desses elementos que caracteriza com exatidão a fotografia-expressão: o elogio da forma, a afirmação da individualidade do fotógrafo e o dialogismo com os modelos são seus traços principais. A escrita, o autor, o outro: para uma nova maneira de documento (ROULLÉ, 2009, p. 161).

Na atualidade, o acesso e as facilidades para se produzir e compartilhar imagens têm contribuído para uma nova cultura fotográfica de expressão pessoal e de comunicação, de tal forma que o aumento das habilidades para a produção de narrativas imagéticas pessoais também tem despertado em muitos a consciência identitária de si e o desejo de expressar suas identidades cotidianamente por meio de fotografias (PEREIRA, p. 20, 2020).

Toda e qualquer imagem fotográfica contém em si, oculta e internamente, uma história: é a sua realidade interior, abrangente e complexa, invisível fotograficamente e inacessível fisicamente. (KOSSOY, 1999, p.36)

Assim, a fotografia não se resume a meras capturas de momentos e objetos, ela transcende as fronteiras da realidade absoluta para se tornar uma manifestação rica e subjetiva da visão singular do artista sobre o mundo ao seu redor, por meio de escolhas estilísticas e sua própria história.

METODOLOGIA

Através do atual trabalho, busca-se por meio de revisão bibliográfica um maior entendimento sobre como a fotografia percorreu um caminho de registro documental, apelos técnicos e alto custo para uma abordagem de expressão pessoal e expandida em questões artísticas.

Tanto faz que nada fez é um projeto autoral fotográfico que tem como ponto de partida algumas incessantes inquietações pessoais, sendo elas as responsáveis por, nos últimos 4 anos, darem voz a sentimentos desconfortáveis. Como apoio, a psicoterapia foi capaz de movimentar tais introspecções e, durante o processo, fui capaz de enxergar em devaneios visuais e mentais um pouco do que me atormentava. A partir dessa constante situação e o gosto pela fotografia, decidi

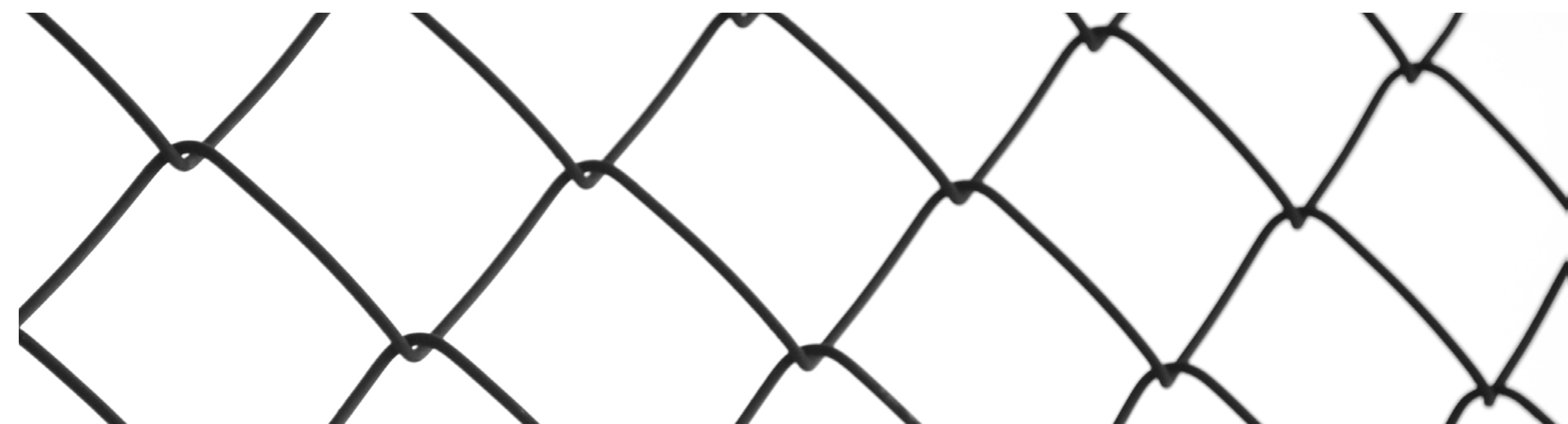
externalizar um pouco do que sinto, vejo e transbordo para, assim, dar fluidez àquilo que tanto me enrijece.

Uma pessoa tem o direito de dar voz à própria dor, pode sentir-se compelida a isso — pois a dor, de todo modo, é sua propriedade (SONTAG, 2003, p. 27).

Para apresentar tal contexto, decidi produzir uma série de 6 fotografias digitais em preto e branco na qual cada uma aborda um pensamento inquieto. A escolha pelo digital se dá por duas razões: equipamento com maior acesso e familiaridade; e possibilita uma pós produção mais rápida. O objetivo é trabalhar esses suportes com tratamento de contrastes e edição de formato, como recorte de fragmentos e sobreposições, formando uma imagem combinada de outras - assim como nosso consciente.

O processo consiste em listar essas inquietações e definir como transcrever para a linguagem visual, evitando representações muito literais, e que, apoiadas com um breve comentário, possa caracterizar uma peça individual que também compõe o todo (série).

Apesar de ser um tema sensível e particular, acredita-se que é possível gerar conexão com o público através do compartilhamento e exposição de tais sentimentos.



PROCESSO

Para seguir em frente, lembro do caminho

Acredito que toda criança se encanta com a representação através do desenho, e mais tarde, se esse vislumbre permanece, ela encontra outras formas de expressão. Pessoalmente, ao longo dos anos fui abandonando a ilustração e vendo a beleza da fotografia, o registro do real, o recorte que queremos contar.

A fluidez da infância vai dando lugar a rigidez do amadurecimento. E quanta rigidez. A ansiedade e pressão por decisões que decidiriam o restante da vida - que hoje vejo como um pensamento super equivocado - me cortavam. Ainda cortam. Aquela criança se perdeu mas ainda não desisti de encontrá-la.

O momento de segurar as rédeas da vida me indicaram um caminho por curiosidade. A fotografia me acompanhava timidamente,

mas se mostrou uma amiga interessante. Ela me levou de volta ao campo da criatividade e, junto dele, o peso de não ter uma lista de passo a passo para seguir.

Frustração, comparação, ansiedade, baixa autoestima e um turbilhão de dúvidas. A balança não parecia muito equilibrada, mas por algum motivo sentia que o caminho era aquele. O objetivo? Ainda não sei a resposta, desculpem.

Em nenhum momento me fechei para o que era novo, mas não achei conforto em nenhum desses desafios... Insisti.

Aquela criança queria muito ser grande e me sentir tão pequena doía. Aquela criança cresceu mas tem muito medo. Ela quer abraçar o mundo, mas seus braços não dão conta de si mesma.

Muitas companhias mencionavam a minha velha amiga, a fotografia. O pensamento que às vezes brilhava em sonho me parecia inviável. Fotografia é uma área cara; exige um espírito criativo, livre; pode não ser pra mim...

Apesar da dúvida, ela sempre esteve lá - mais presente do que eu gostaria de admitir. Talvez a criança dos desenhos estava me esperando ali, ali onde achei uma forma de expressão que comportava toda a grandeza que meu coração queria sentir.

Minhas escolhas me trouxeram até aqui, a fotografia também. E é através dela que gostaria de completar mais um ciclo da minha história, da minha criança que cresce.



O recorte do assunto para esse projeto vem de alguns anos anteriores a este, de um momento que me vi à beira do abismo de pensamentos e sensações que não eram bem vindos. E, como forma de memória, quero encará-los através de uma obra onde eu mesma direciono o caminho.

Dia após dia inquietações vinham tomando conta dos principais pensamentos e, com eles, seguiam-se mais. *Repetições.*

O exercício da fala no processo psicoterapêutico ajudava a expressar os diferentes contextos que se repetiam, fazendo com que eu percebesse tais padrões. Entretanto, além das *palavras*, tais cenários discutidos me vinham à mente em forma de imagem, não necessariamente nítidas (um pouco borradas e abstratas), mas era como se eu tentasse traduzir através de outra expressão. Tendo em vista minha trajetória como designer, é comum entender esse recurso mais visual para trabalhar ideias, mas o interesse por tal reação valia ser incentivado.

A paralisia das ações vinha mais forte quando o assunto era escolher um caminho para investir. Investire energia, tempo, dedicação e consistência. Eram muitas possibilidades para pouco entusiasmo, para pouco sentido

que eu conseguia atribuir a cada uma. Os interesses existiam, mas apostar em um único lado me rendia dúvidas, medo e insegurança. *Fragmentos.*

Se eu tivesse que escolher uma palavra para resumir os dias vividos, seria incerteza. O mundo lá fora estava incerto e o daqui de dentro também. Mesmo que aos poucos tudo vinha tomando forma, tanto lá quanto cá, nada parecia muito certo. E quem disse que seria, não é mesmo? Às vezes aquela criança que fui tinha muita certeza de tudo - não sabia nada. *Borrões.*

De muito pensar, e apenas pensar, em andar... estive parada.

Tanto faz. E de tanto faz, nada fiz.

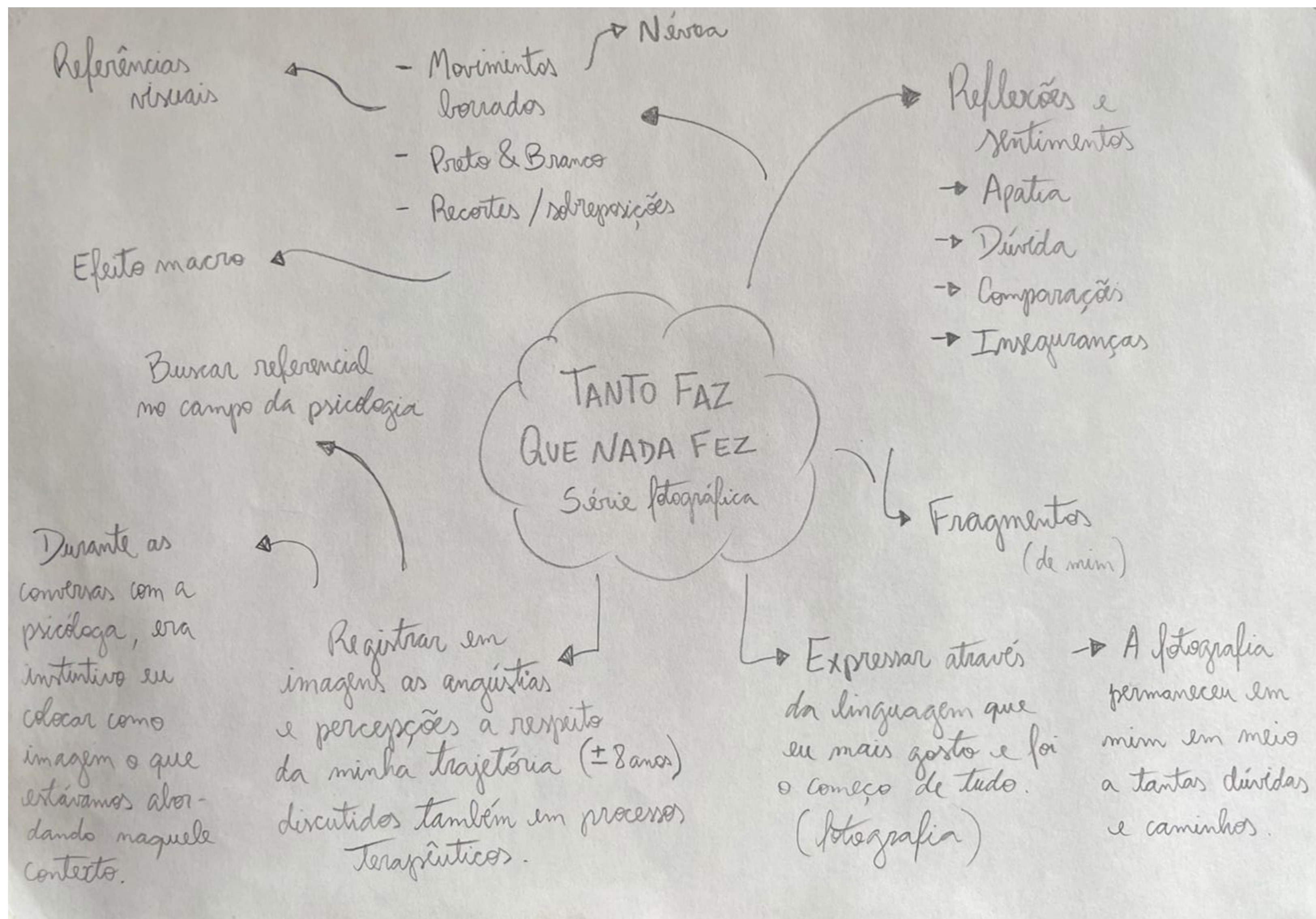


Figura 1: Mapa mental

Fonte: A autora

Para apresentar esse contexto, escolhi o caminho da fotografia em preto e branco - em escala de cinza. Por se tratar de assuntos introspectivos e de caráter dramático, a estética em tons de cinza, que evidencia os contrastes e não envolve a dispersão através da cor, completaria o sentimento que cada foto carregaria consigo.

Realizei uma pesquisa visual com o objetivo de entender possibilidades gráficas, não seguindo o estilo de algum artista específico. A série fotográfica precisava ter uma unidade e, a partir destes aspectos, selecionei algumas referências para entender mais claramente como seguir o conceito que havia estabelecido.



Figura 2: Moodboard geral

Fonte: Imagens coletadas no Pinterest - Autorias não registradas

Analisei quais efeitos eu gostaria de trabalhar a fim de ter um impacto mais sutil, sem trazer uma estética pesada e negativa para os temas já tão delicados.

Contrastes, composições,
padrões, movimentos.

Inicialmente fui esboçando algumas ideias, alguns sentimentos que se repetiram com mais frequência. Esses testes serviam para que eu entendesse como iria construir a imagem e expressar tal assunto de forma que não fosse literal, para que ainda houvesse o *espaço da abstração e interpretação*.

Dentre vários contextos, foi selecionado um recorte de 6 pontos para serem explorados. A seguir apresento em ordem cronológica, com base nas capturas realizadas, um pouco do processo de desenvolvimento de cada composição.

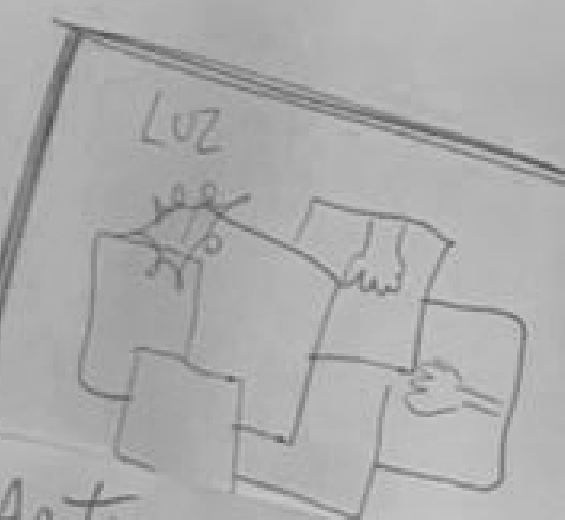
ABSTRATO



★ Deixe
nos segundos
Escuto.
A minha?
Pode...

O pro de
na me
conquistas
tomando for
vão e
traças

Auto Save
~~Disco~~



Espero pelo
dia que algo
irá me salvar

Algo, alguém
um milagre.
Memos eu.

Apatia



Sombrias de fundo

Quase mesmo
fundo com
perman
ditadas
em um
canto

Efeito
de
como
novor

Opções e
s.
mea fui
adepta à
fogos de agar

Paga para quem

VER
BARALHOS

- O processo
- Contar o backstage
- Como

Port



Algunmas
fechadas. Já
outros eu
não tinha
além e
conclus que
estão
tomados.

imentos
dos
panes
/ sobreposição

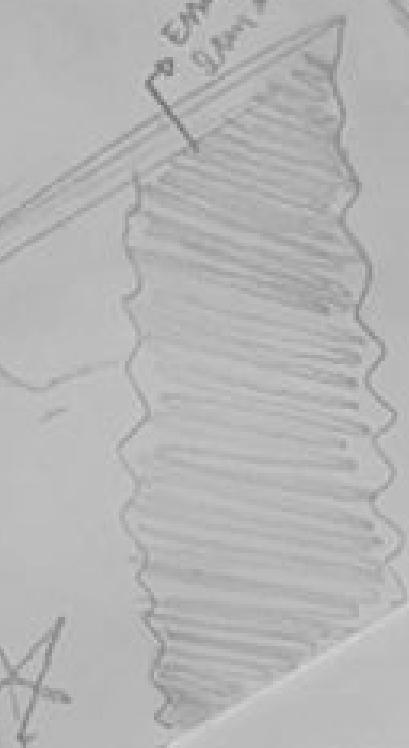
TANTO FAZ
QUE NADA FEZ
Série fotográfica

Fragmentos
(de mim)

Expressar através
da imagem que
tanto e foi
tudo.

→ A fotografia
permaneceu em
mim em meio
a tantas dúvidas
e caminhos.

VOZ ABAFADA
MINÚSCULA



Porém o som
é pequeno
e o sentido
parece ainda
menor.

Minúscula

- reflexões e
sentimentos
- Apatia
- Dúvida
- Comparações
- Inseguranças

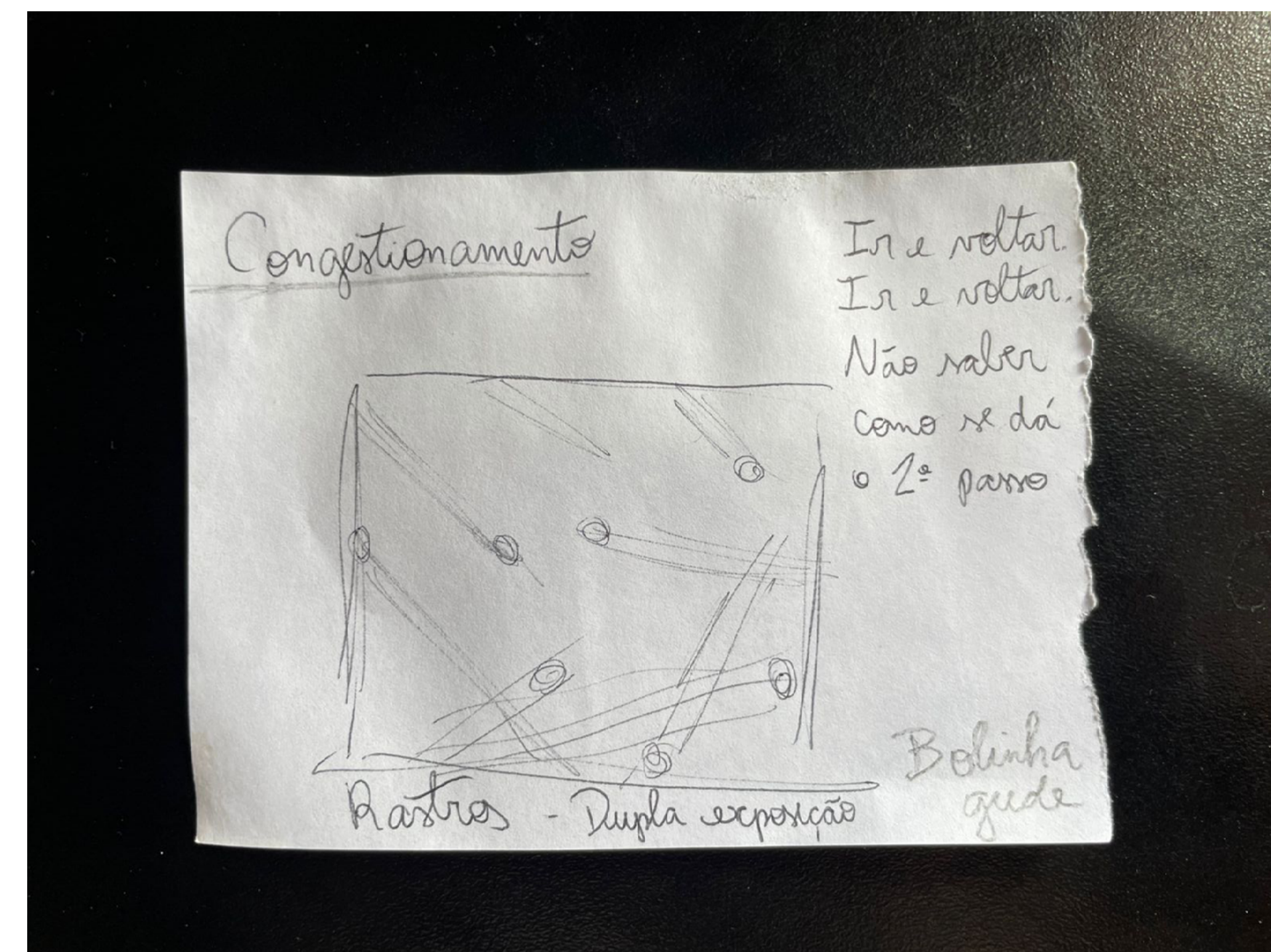
6.1 Congestionamento

Em meio aos recortes, essa composição retrata um misto de *medo* e *confusão*. Para a representação, foi planejada uma combinação de passos limitados, evidenciando a tentativa de movimento, mas com a permanência no ponto central.

Como segundo plano, o objetivo era trazer alguns rastros para reforçar a ideia de movimento. Essa textura poderia ser criada a partir de bolinhas de gude com tinta preta em uma superfície de papel.

Entretanto, ao decorrer do processo, por preferência pessoal, optou-se por não agregar a textura em segundo plano. O motivo principal foi a carga visual que as fotos em si já traziam para a composição, e assim, evitar uma distração com mais elementos.

Figura 3: Esboço 1 - Congestionamento



Congestionamento

COMPOSIÇÃO 01

Ir e voltar

Não saber como se dá o segundo passo.

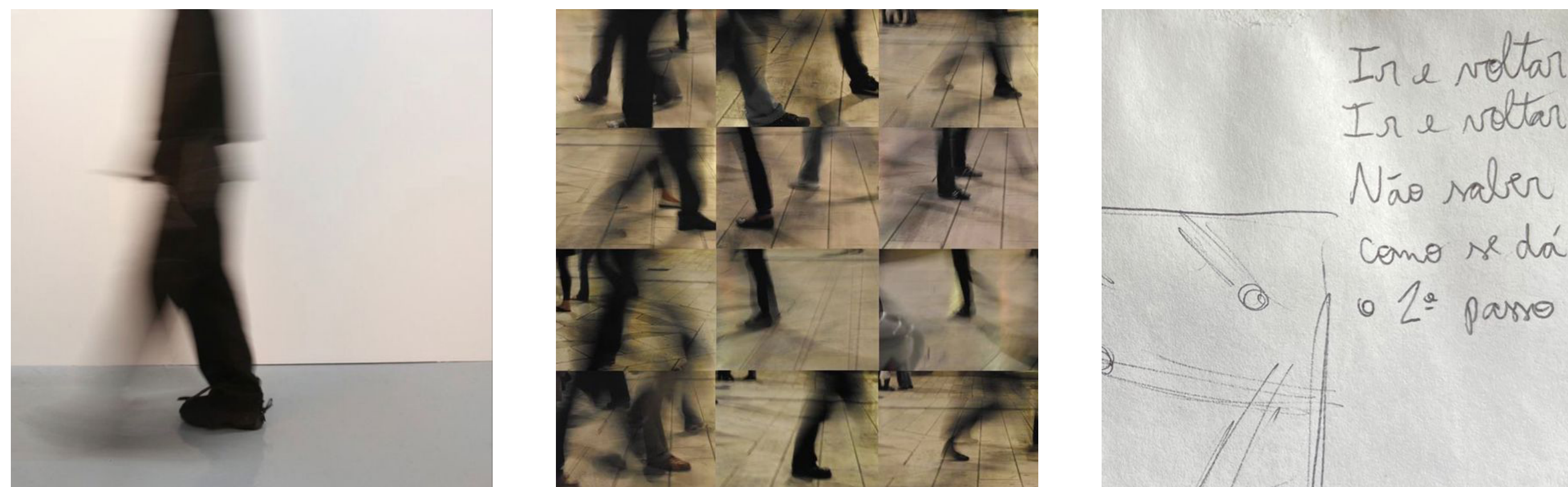
Ambiente externo

Cenário: estacionamento, cimento, quadra... porém precisa ser mais claro para contrastar com a modelo.
Calça e sapatos escuros. Alternar com peças claras e escuras para teste de contraste com o fundo.

Uma única pessoa, dar a sensação de estar perdido

Modelo: Ana Laura Vieira da Silva

Figura 4: Referências - Congestionamento



Fonte: Imagens coletadas no Pinterest - Autorias não registradas

Para essa fotografia não era necessário muitos recursos técnicos, apenas um ambiente com poucos elementos: chão de concreto e fundo sem distrações. A partir disso, foi selecionado o estacionamento do prédio da modelo em questão, assim o processo seria mais simples. A iluminação do recinto foi suficiente para trazer as formas em evidência em conjunto com a baixa velocidade do obturador para registrar os borrões dos movimentos desejados.

A direção se baseou em solicitar à modelo que andasse de um lado para o outro, testando diferentes velocidades, tanto das passadas quanto do obturador da câmera.

A composição seria essencialmente a repetição dessas capturas, com o mesmo cenário e elementos centrais: passos. Dessa forma, a sessão não demorou mais que uma hora e obteve-se o resultado esperado.

Figura 5: Conjunto de capturas - Congestionamento



NIKON D3100

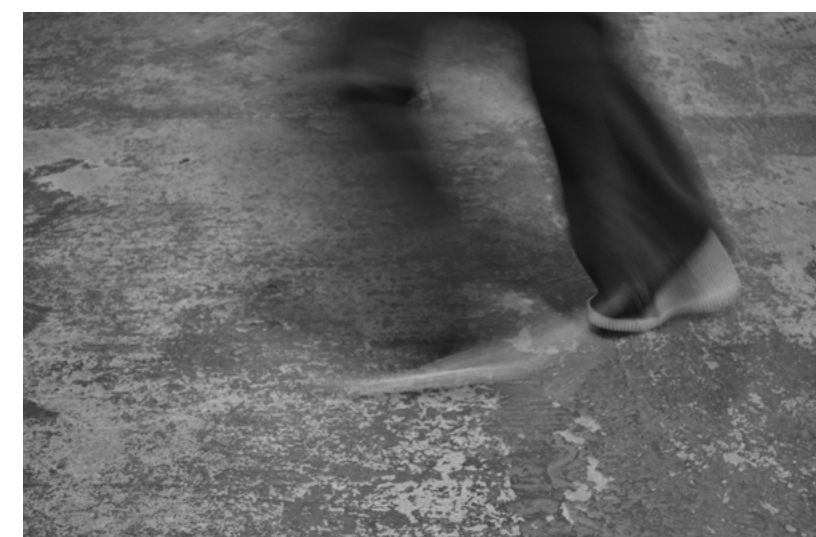
18-55mm

RAW+JPEG | Monocromático

ISO800 34mm f/5 1/13s



ISO800 f/5 1/13s



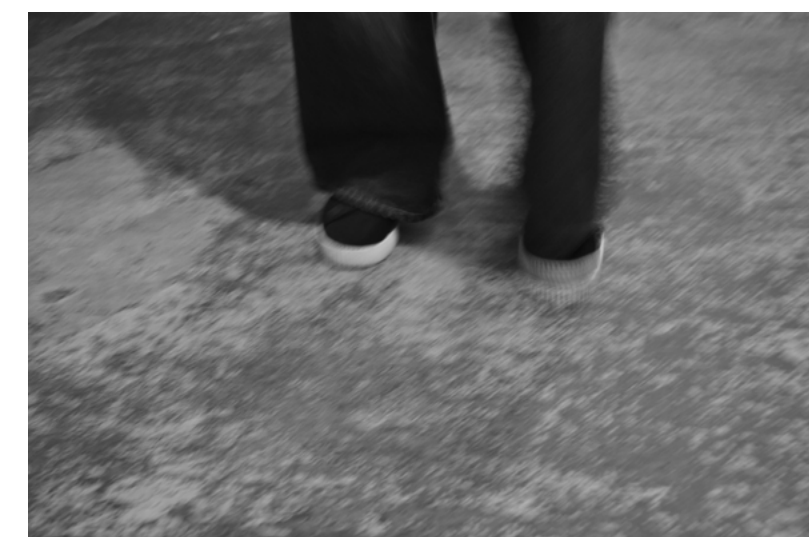
ISO800 f/5 1/13s



ISO800 f/5 1/13s



ISO800 f/5 1/13s



ISO800 f/5 1/13s



ISO800 f/5 1/13s



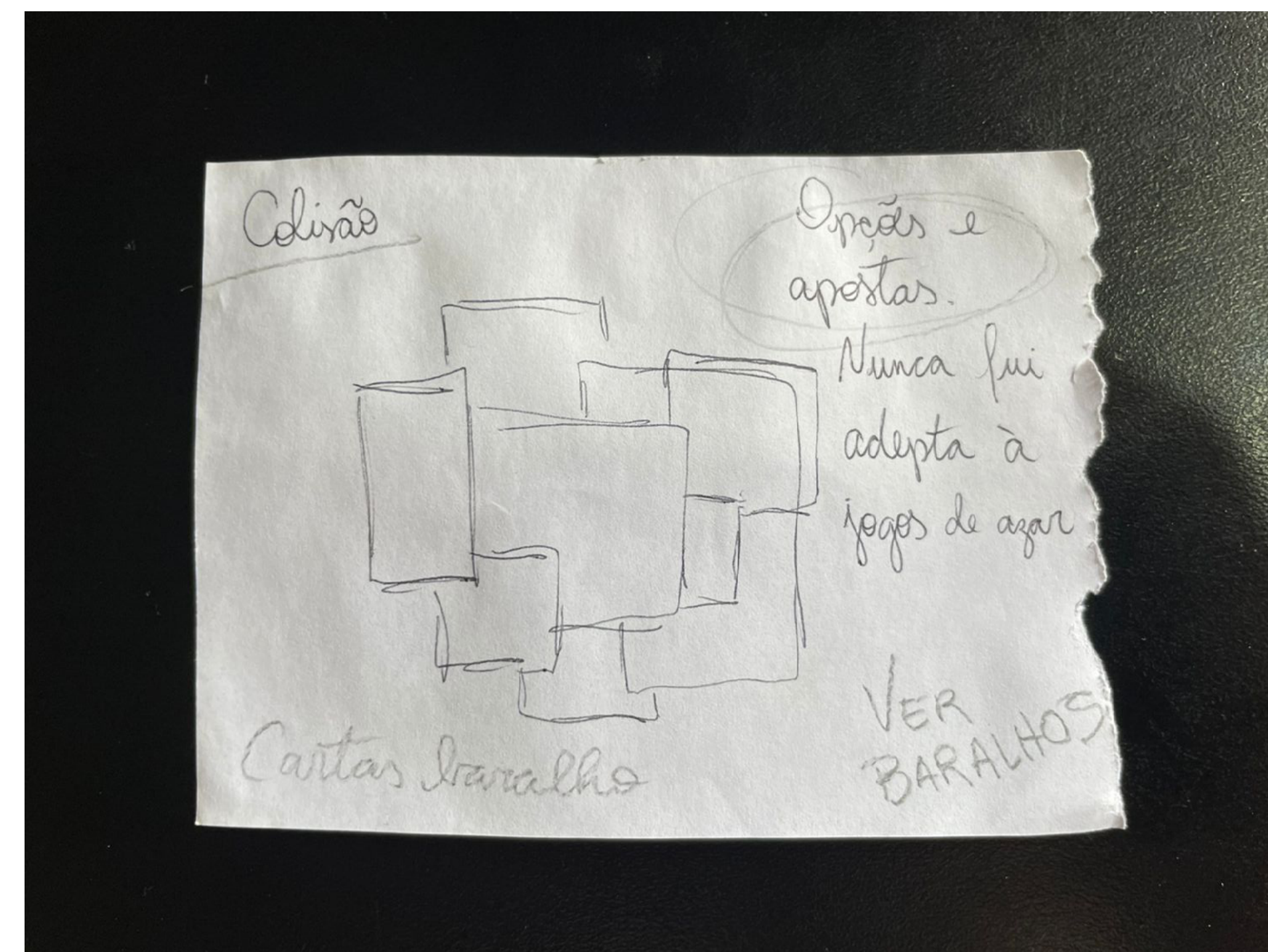
6.2 Desventura

Inicialmente batizada como “colisão”, essa composição busca trazer a indecisão perante vários cenários. É a sensação de não dar início a nenhum movimento, não se arriscar.

A sobreposição das imagens é um recurso utilizado para trazer de forma mais literal a sobrecarga de pensamentos, reforçando os sentimentos ocasionados: *dúvidas* e *apatia*.

Para fazer uma analogia em como tomar decisões é se arriscar, apostar, o objetivo era trazer em segundo plano o verso de cartas de baralho, mas, assim como no caso anterior, optou-se por deixar a composição mais limpa e objetiva.

Figura 6: Esboço 1 - Desventura



Desventura

COMPOSIÇÃO 02

*Caminhos e apostas.
A desventura dos jogos de azar.*

Estúdio

Fundo branco, vazio, sem pontos de distração - excessões a cantos e formas para volume da mesma cor.

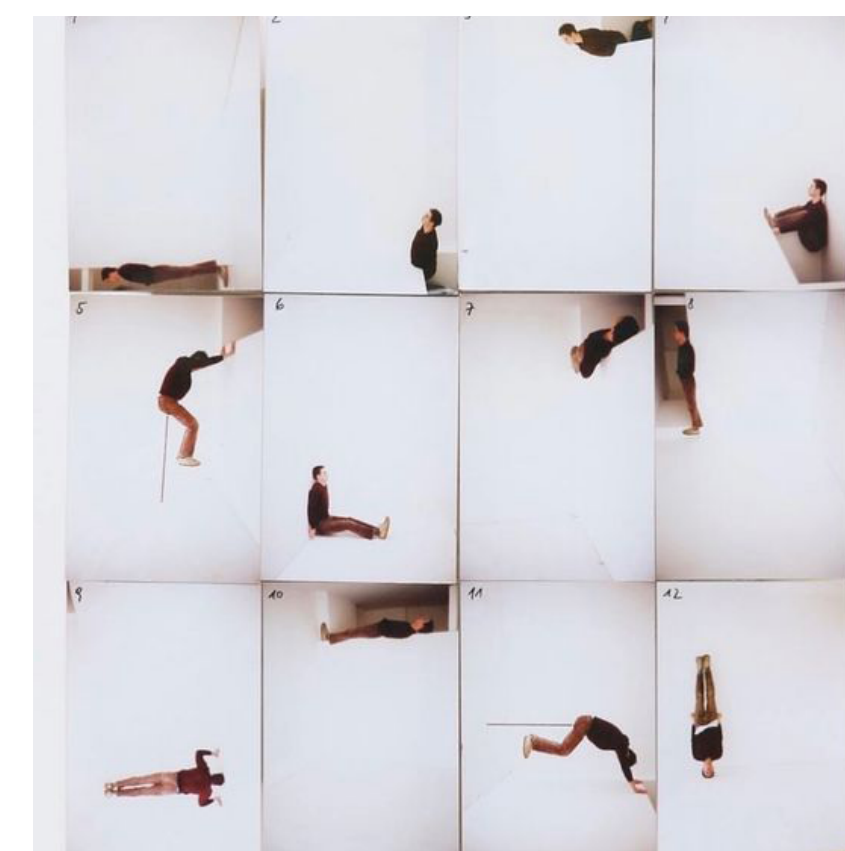
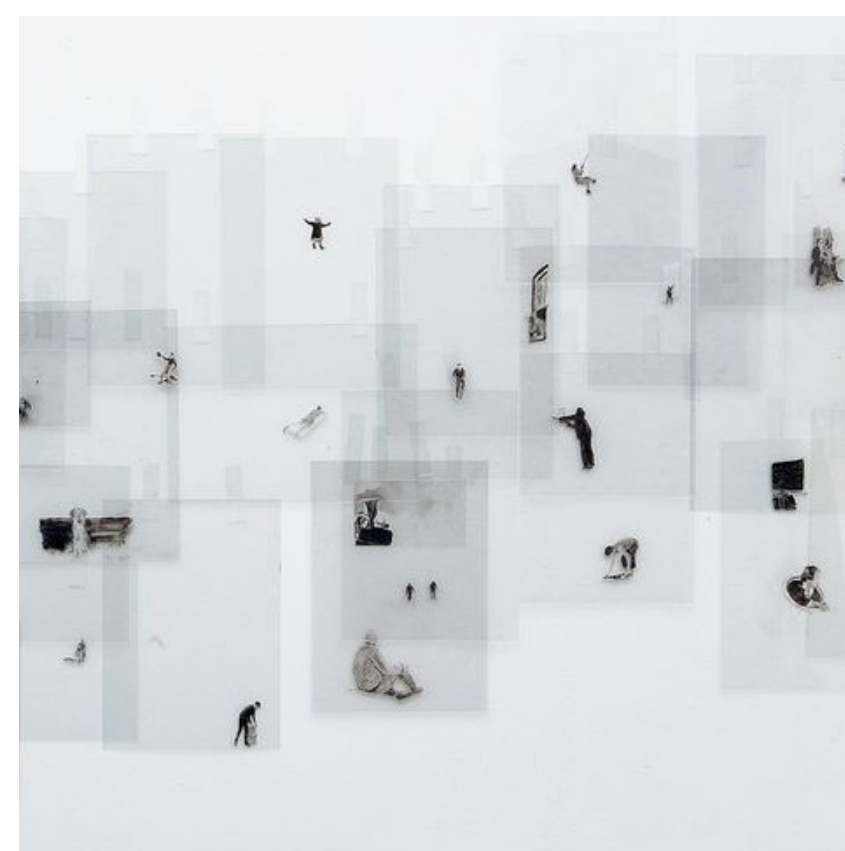
Roupa clara e pés descalços.

Alternar com peças claras e escuras para teste de contraste com o fundo.

Pessoa em poses angulares, próxima a cantos, inexpressiva, serena.

Modelo: Ana Laura Vieira da Silva

Figura 7: Referências - Desventura



O objetivo dessa composição era trazer diferentes poses com o mesmo cenário. Para isso foi preciso usar um fundo infinito na cor branca e flashes contínuos*, cedidos gentilmente pela fotógrafa Bianca Souza, proprietária do estúdio fotográfico VIRTUDE, localizado no centro da cidade de Americana/SP. Além do espaço, ela me auxiliou com a iluminação, posicionando duas luzes viradas para cima, a fim de rebater no teto branco e suavizar a intensidade da luz e das sombras.

*SOKANI X60RGB - 4600K - 70%

Com o apoio de um tripé, garantimos a angulação padronizada das poses ao longo da sessão, o que resultaria em um efeito de movimento contido.

Figura 8: Conjunto de capturas - Desventura



NIKON D3100

18-55mm

RAW+JPEG | Monocromático

ISO800 24mm f/4 1/80s



ISO800 f/4 1/80s



ISO800 f/4 1/80s



ISO800 f/4 1/80s



ISO800 f/4 1/80s



ISO800 f/4 1/80s



6.3 Abstrato

A dúvida e o medo causavam uma deformação nas ideias de futuro. Para retratar essa sensação, a composição “abstrato”, busca trazer uma referência a brincadeira de ligue os pontos. O objetivo é relacionar com a importância dos acontecimentos da vida e dar forma a tudo isso, a *persistência* e a *expectativa*.

Para a realização dessa imagem, busquei retomar o gosto por fotografar de forma espontânea pelas ruas - uma atividade que, muitas vezes, me ajudava a dar formas em meio a momentos sem nitidez.

Apesar da referência, o objetivo não envolve formar algo concreto, apenas ressaltar os pontos e a possibilidade de ligá-los.

Figura 9: Esboço 1 - Abstrato



Abstrato

COMPOSIÇÃO 03

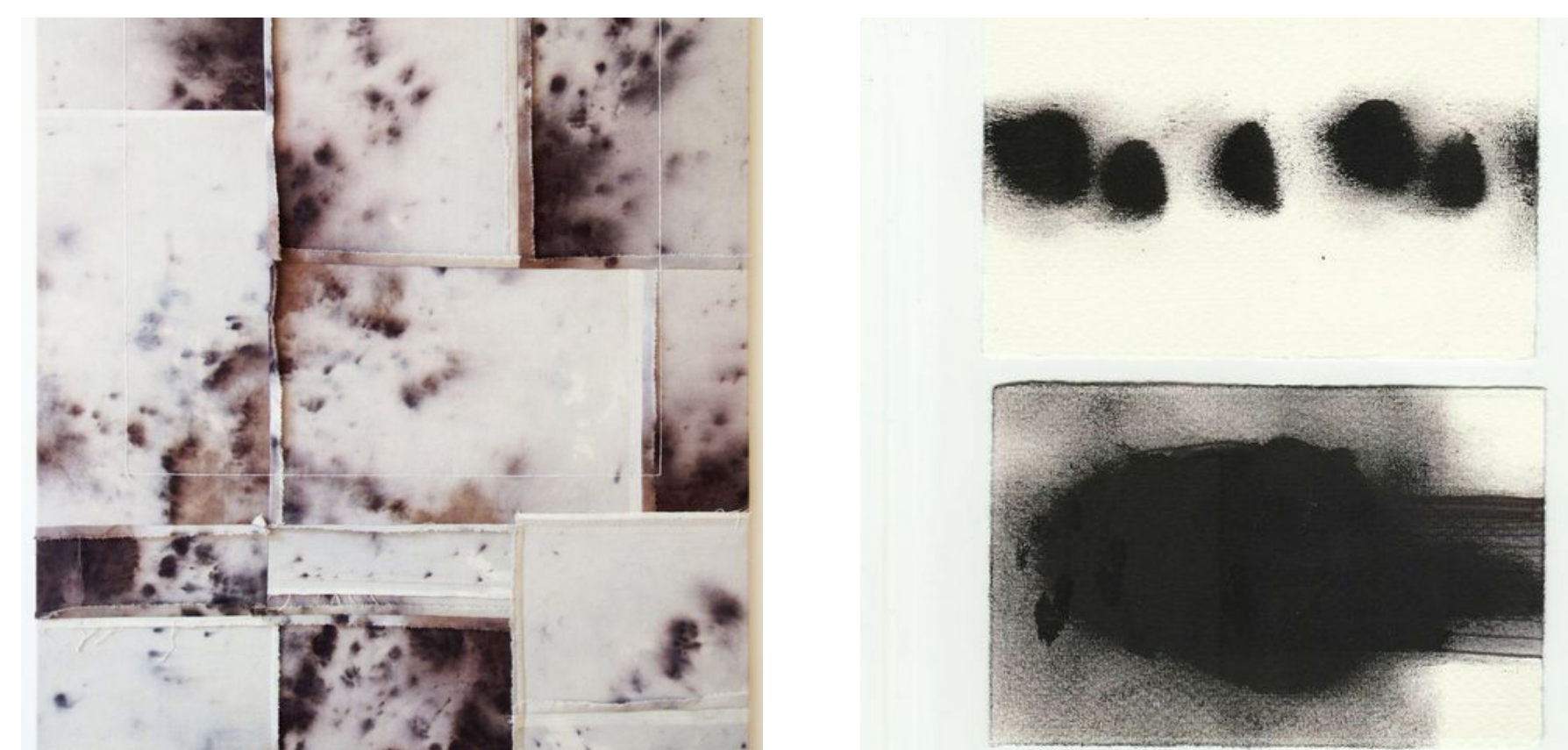
*Conectar os pontos
Ver as formas.*

Ambiente externo

Saída por lugares familiares. Fotografias espontâneas de pontos, furos e manchas. Registrar texturas, recortes do que me é comum nestes lugares.

Americana - SP

Figura 10: Referências - Abstrato

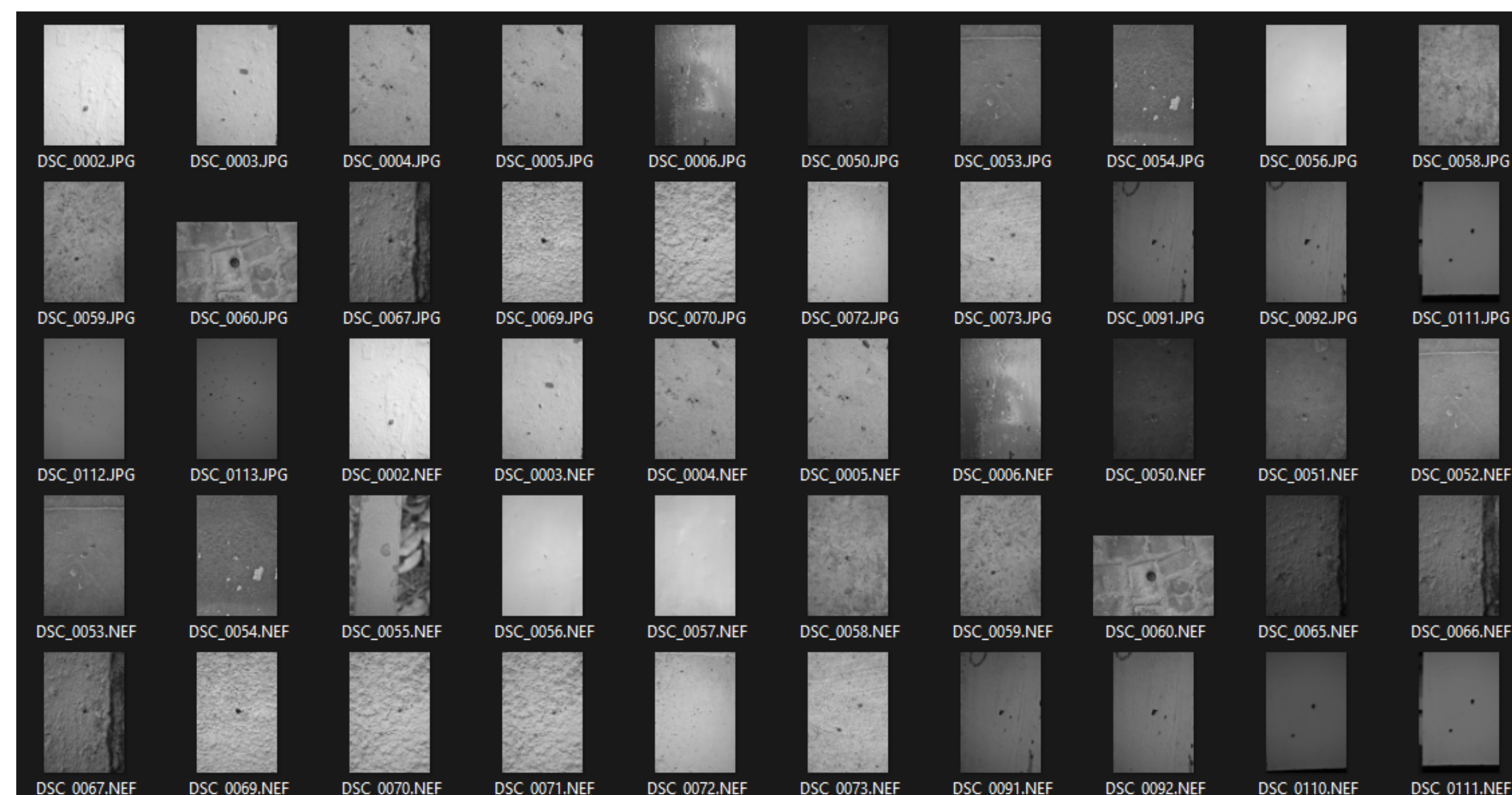


Fonte: Imagens coletadas no Pinterest - Autorias não registradas

Apesar de estar explorando a experiência de construir as fotografias pensando em cenário, iluminação, modelo e figurino, minha preferência sempre foi pela fotografia do acaso.

Uma das composições do projeto precisava contemplar o registro mais espontâneo e, partindo disso, saí andando pelo bairro próximo a minha casa em Americana para fotografar pontos e texturas.

Figura 11: Conjunto de capturas - Abstrato

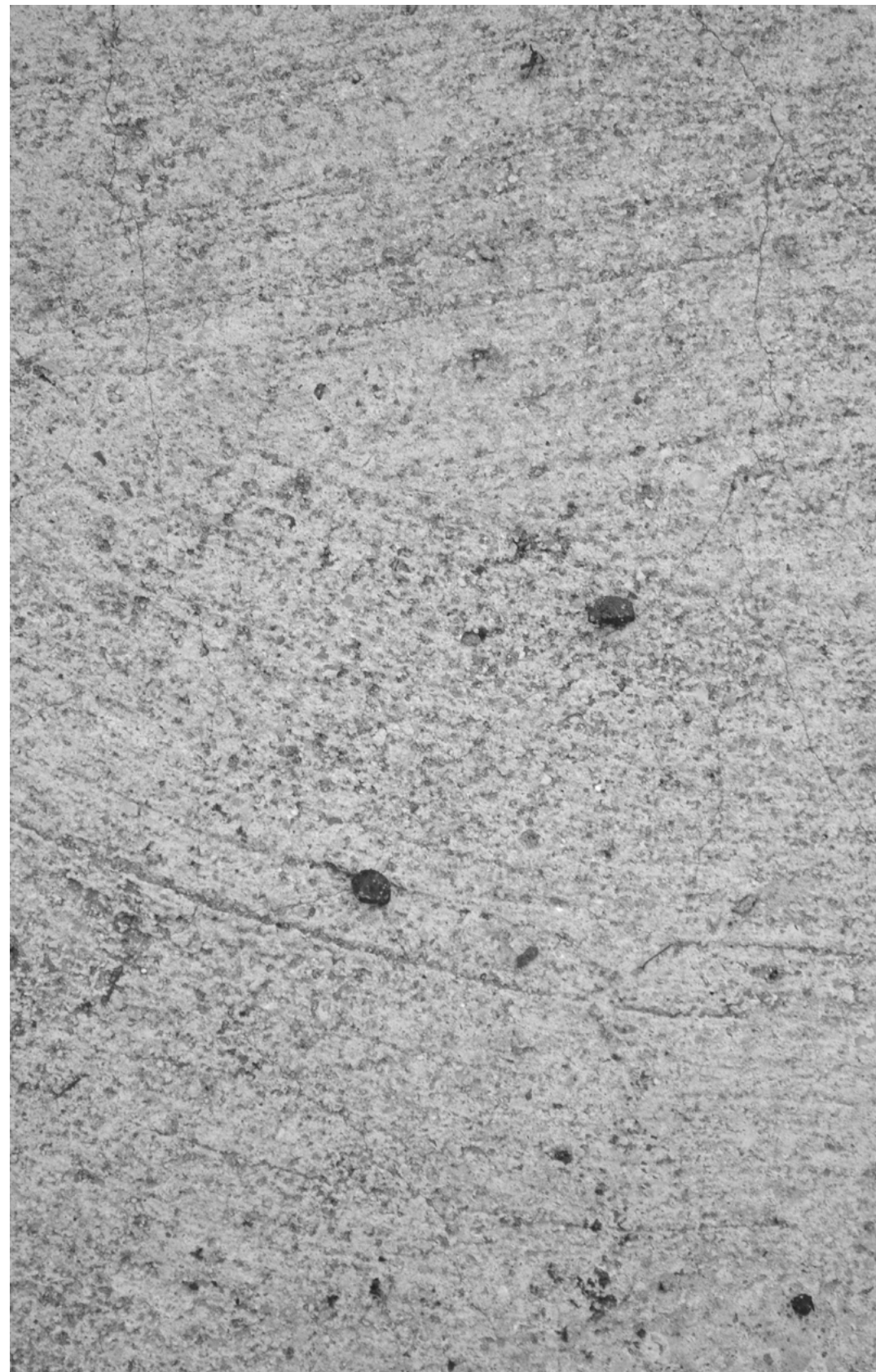


NIKON D3100

18-55mm

RAW+JPEG | Monocromático

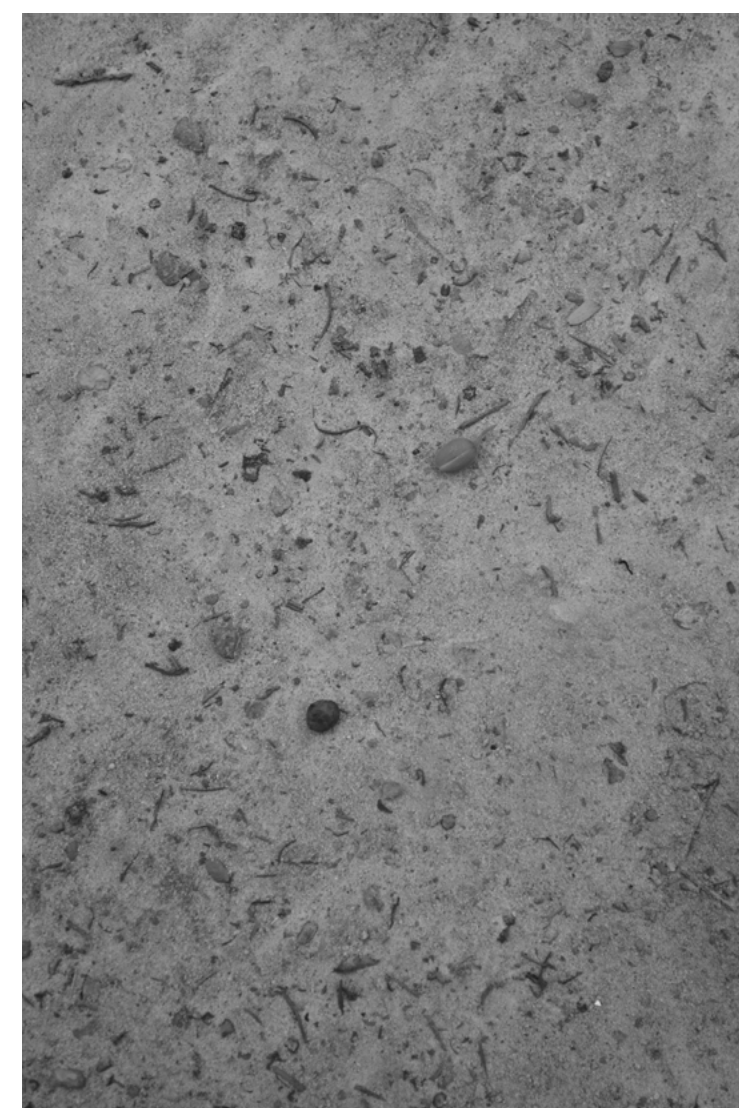
ISO800 34mm f/5,3 1/50s



ISO800 f/5,3 1/50s



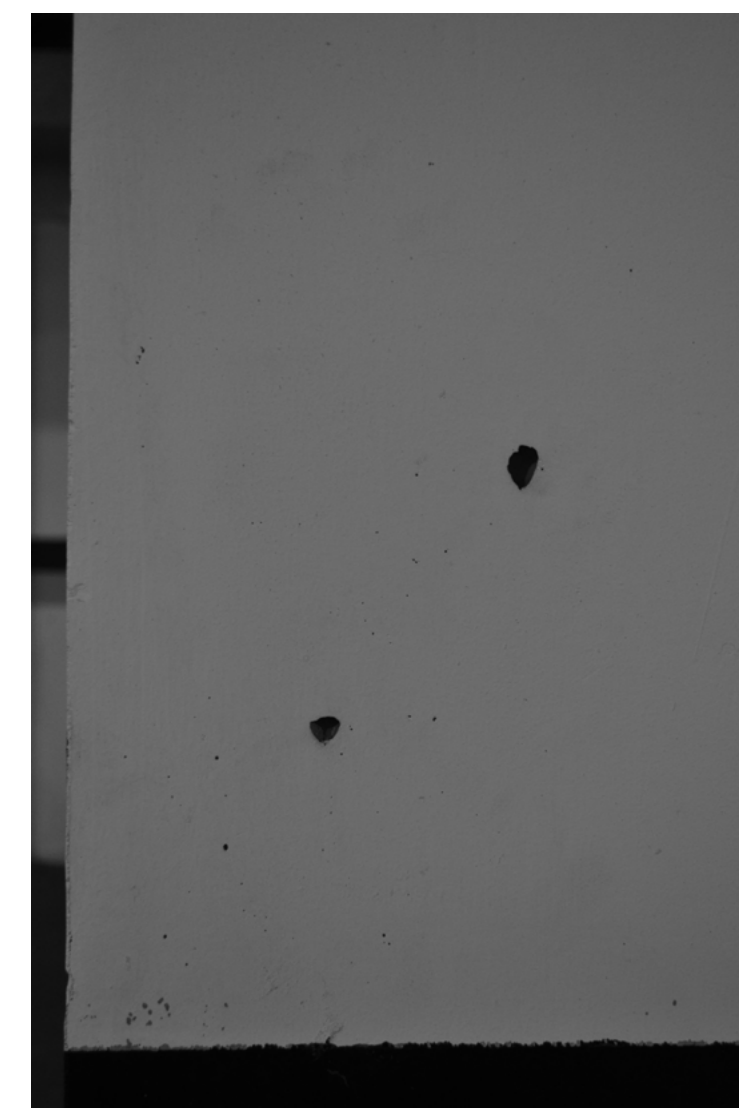
ISO800 f/5,3 1/125s



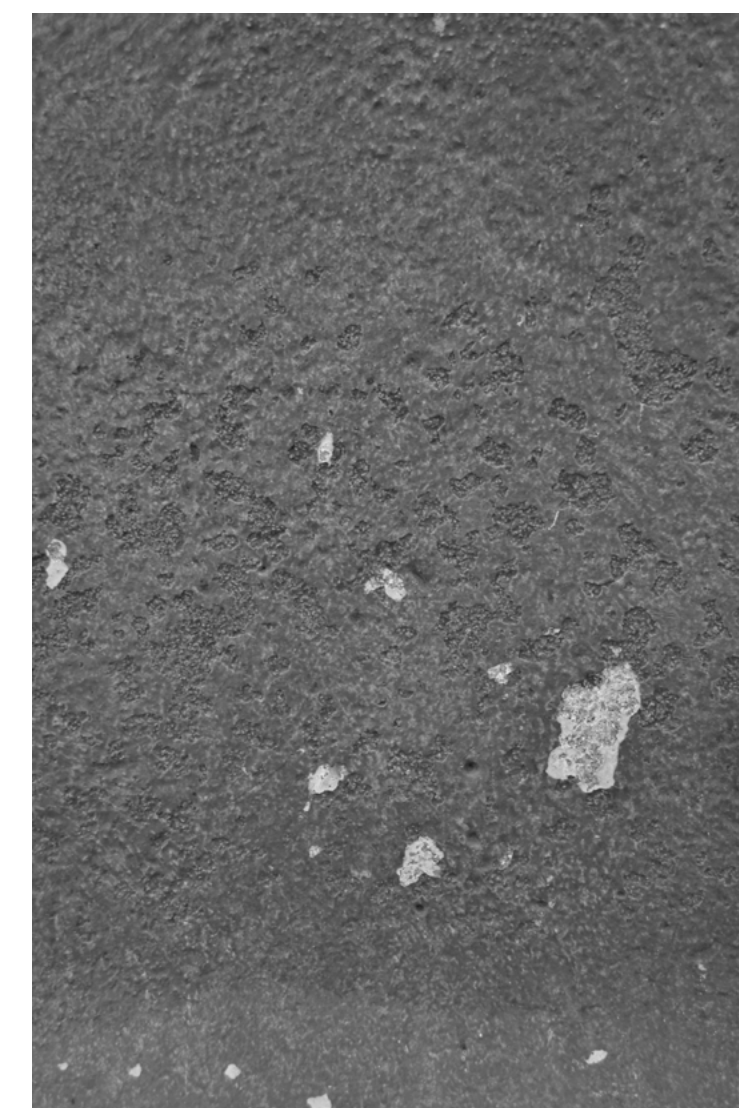
ISO800 f/4,8 1/125s



ISO800 f/5 1/25s



ISO800 f/4,2 1/100s

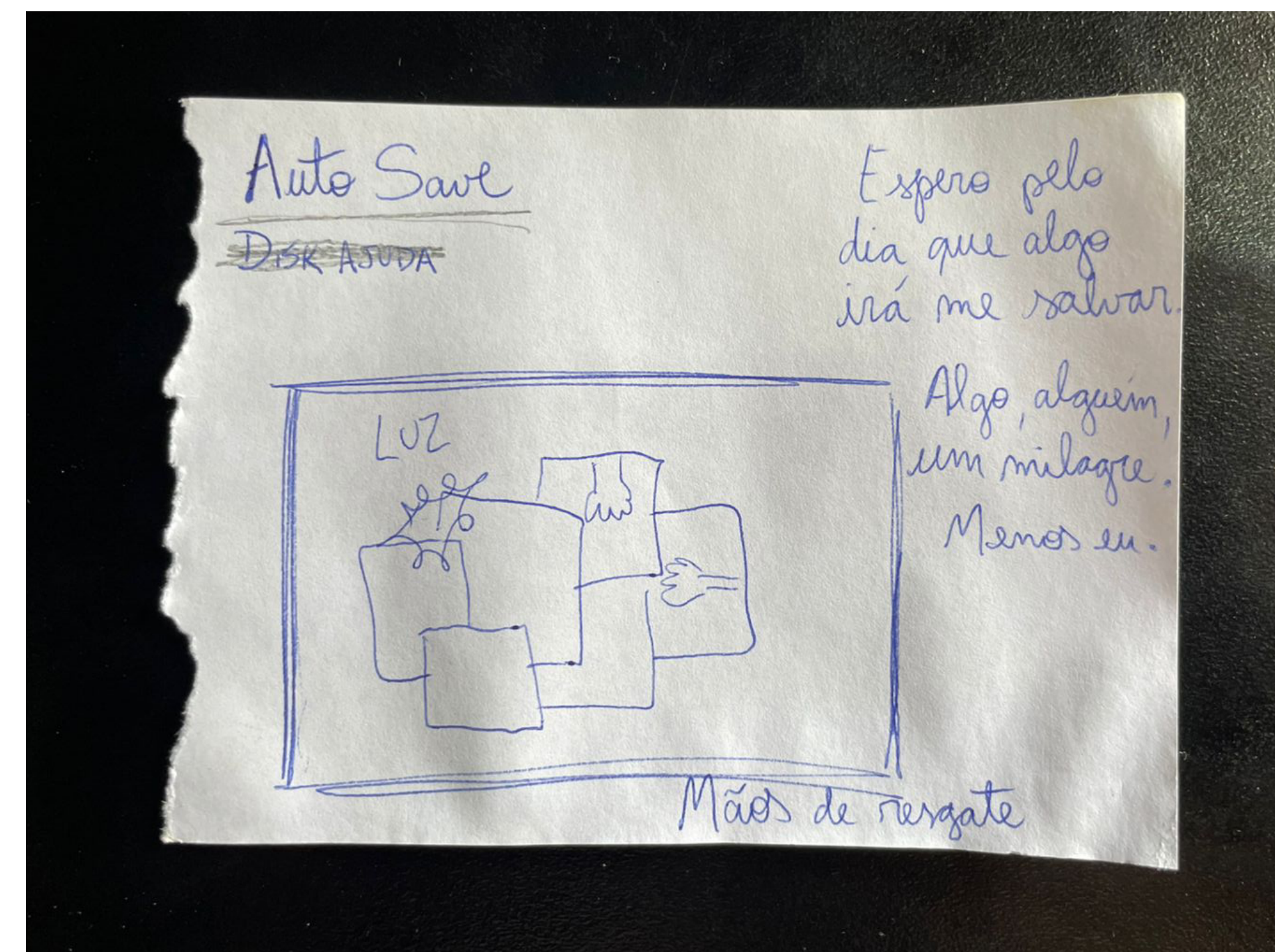


6.4 Águas rasas

Essa composição surgiu antes mesmo do projeto, por isso, acredito que tenha sido a primeira. Antes chamada de “auto save”, ela representa uma das conversas que tive na psicoterapia a respeito de sempre esperar algo acontecer, me livrar de alguma responsabilidade de movimento.

A fim de visualizar esse conceito, as mãos representam o ato de ajudar e salvar, trazendo uma mistura de *impotência* e *esperança*.

Figura 12: Esboço 1 - Águas rasas



Águas rasas

COMPOSIÇÃO 04

*O resgate vem de algo, alguém, um milagre...
Menos das próprias mãos.*

Estúdio

Fundos neutros, alternados. Chão com textura. Contrastes médios. Formas para volume no cenário.

Roupa neutra, contraste com os fundos.

Passos largos, ocultar cabeça, mãos afetivas e preocupadas.

Modelo: Ana Laura Vieira da Silva

Figura 13: Referências - Águas rasas

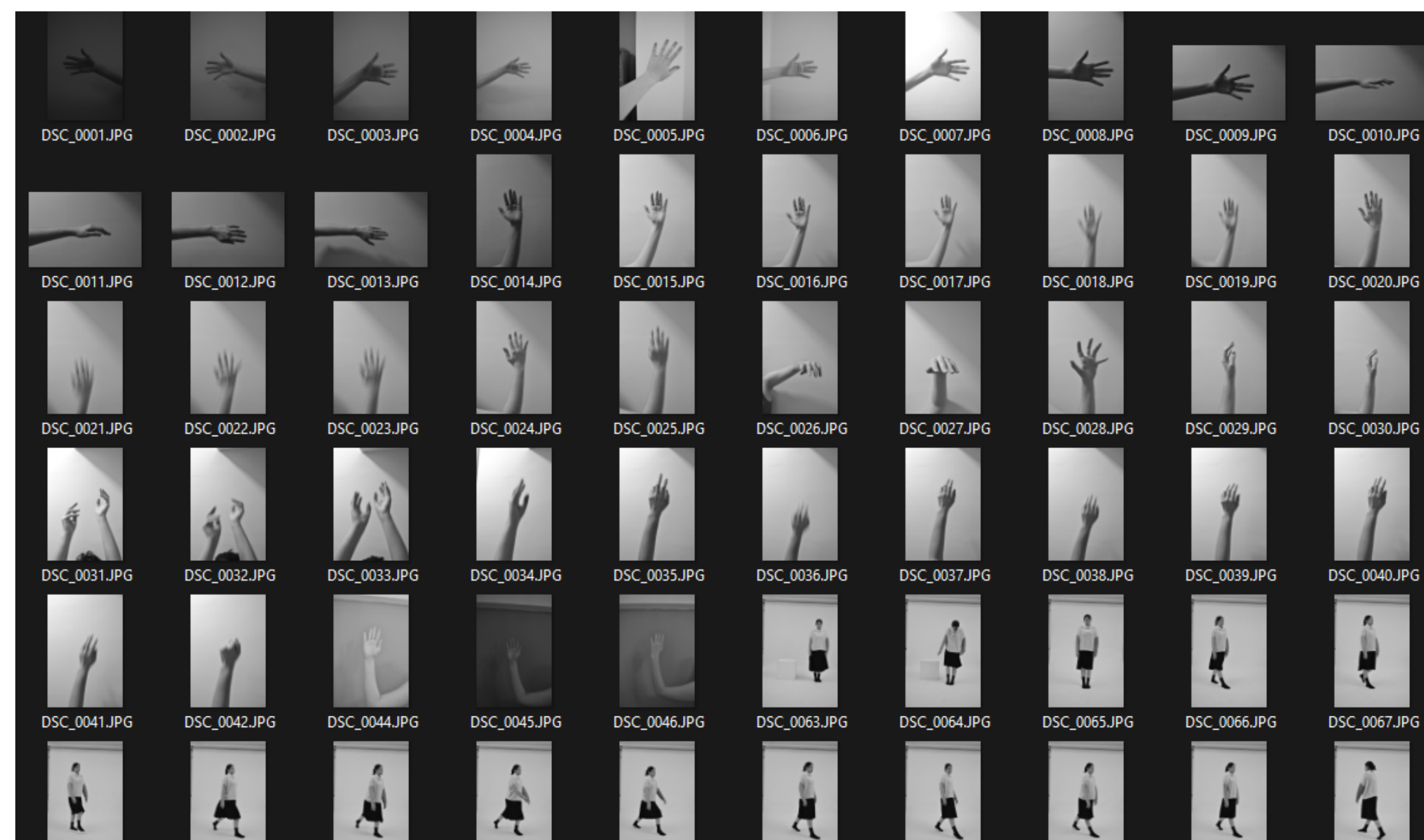


Fonte: Imagens coletadas no Pinterest - Autorias não registradas

O objetivo era retratar mãos em diferentes posições, já que a ideia de salvação era o foco da composição. Para essa produção, as fotos foram realizadas no apartamento da modelo com iluminação branca de teto, com a preocupação de não gerar sombras duras na parede.

Em poucos minutos e com a direção simples de troca de posição das mãos, foram obtidos resultados satisfatórios para a edição futura.

Figura 14: Conjunto de capturas - Águas rasas



NIKON D3100

18-55mm

RAW+JPEG | Monocromático

ISO800 22mm f/10 1/15s



ISO800 f/10 1/10s



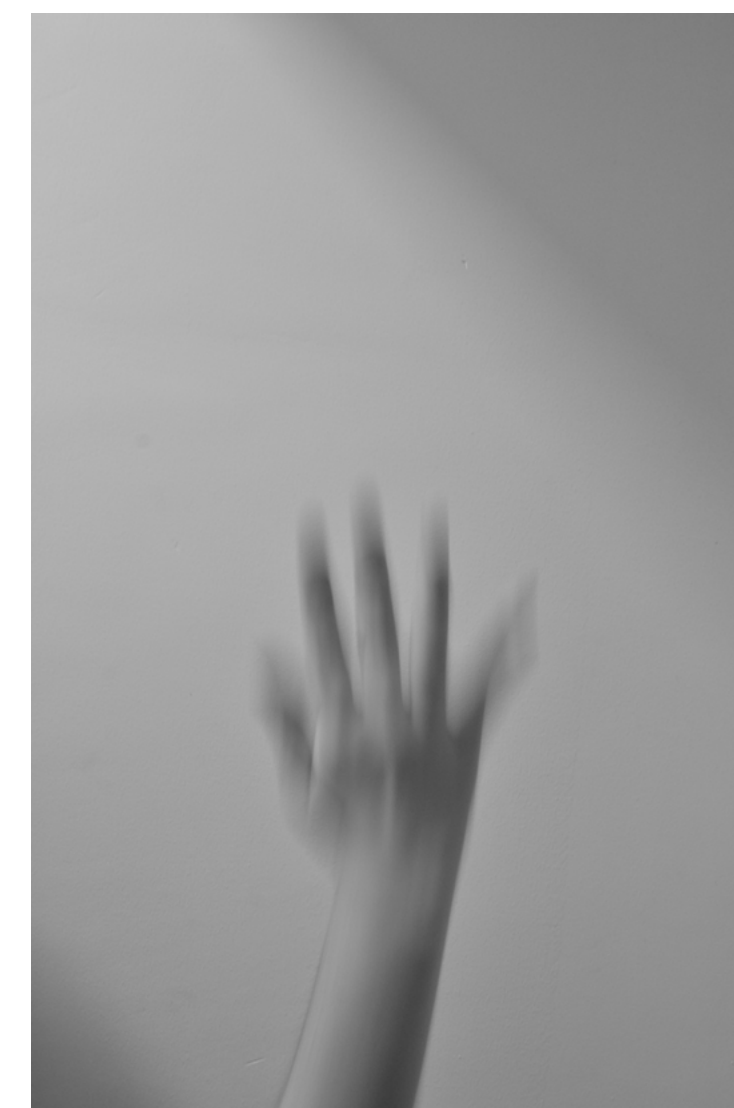
ISO800 f/10 1/10s



ISO800 f/10 1/15s



ISO800 f/10 1/10s



ISO800 f/10 1/10s



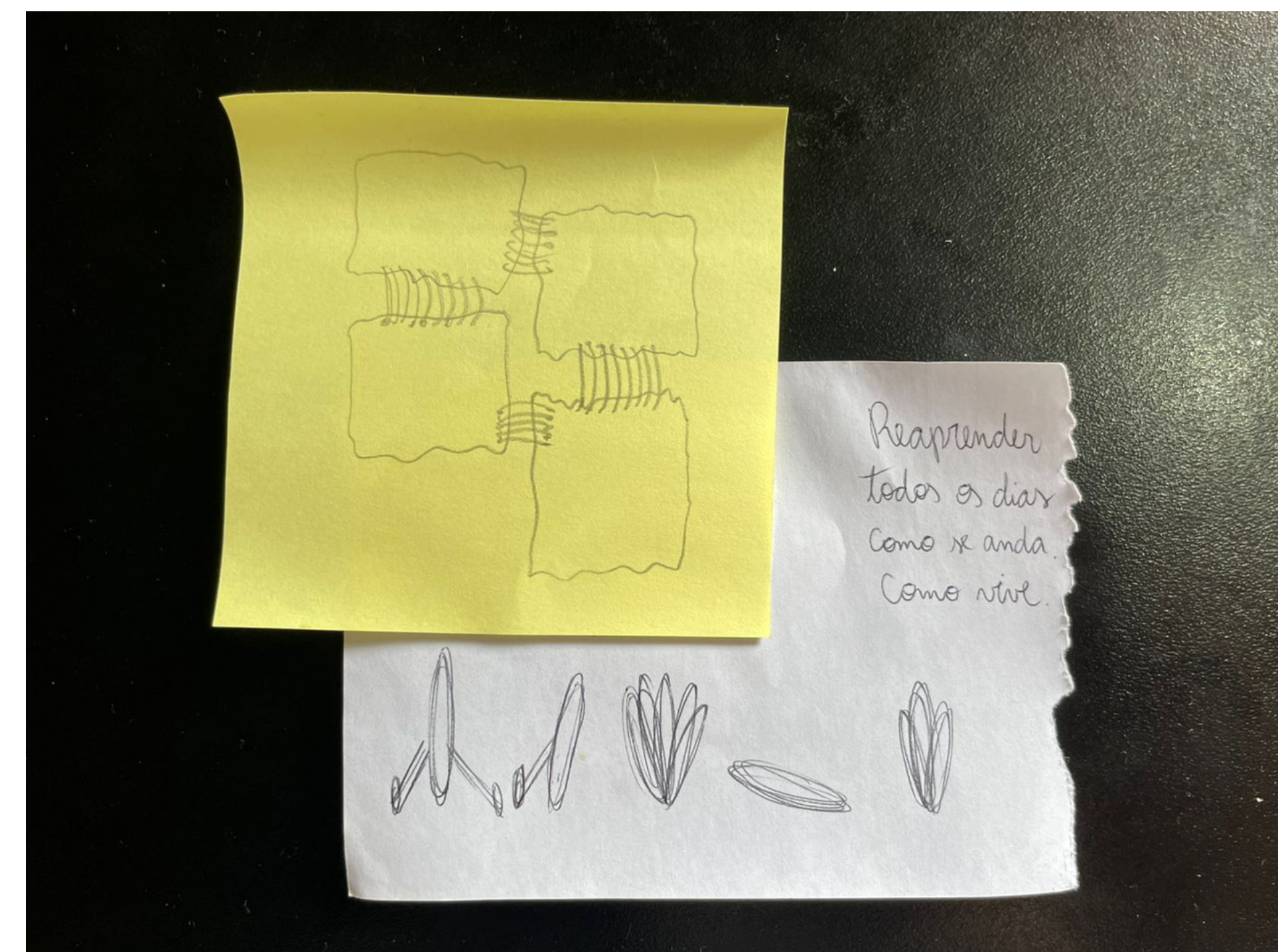
6.5 Remendo

Assim como citado por Guimarães Rosa em Tutameia - Terceiras estórias (1967), viver é um rasgar-se e remendar-se. Partindo dessa mesma ideia, a composição “remendo” busca trazer o sentido de sentir novamente, de reaprender. Nela interpreto algo que pode variar entre *coragem* e *adaptação*.

Em um primeiro momento, representada por uma bicicleta com o ciclo de cair e levantar, o foco passou para algumas texturas e fios.

A intenção de trabalhar as fotos separadas e unidas por linhas costuradas foi deixada de lado ao perceber a diferença em relação a unidade visual de toda a série. Um segundo fator foi o mesmo dos outros casos: deixar a composição mais simples e objetiva.

Figura 15: Esboço 1 - Remendo



Remendar

COMPOSIÇÃO 05

*Reaprender a sentir
Um eterno remendar-se.*

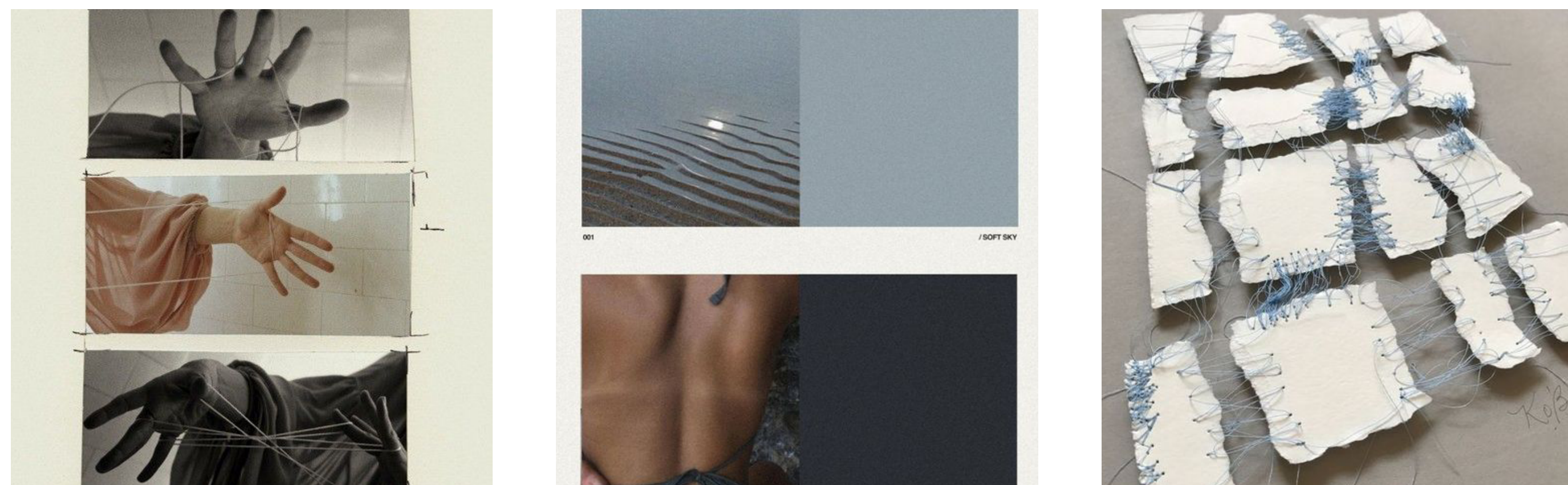
Ambiente neutro

Fundos neutros para cenas de mãos
(ref. cama de gato). Contrastes médios.
Texturas em close como linhas/cordas,
papel amassado, galhos, coberta;

Fotografar linhas para sobrepor nas
imagens.

Modelo: Ana Laura Vieira da Silva

Figura 16: Referências - Remendo



Fonte: Imagens coletadas no Pinterest - Autorias não registradas

Para essa composição, quis trazer um pouco da ideia de trabalhar a situação para voltar a sentir. Sentir o movimento, texturas e o ambiente ao redor, não permanecer na inércia.

Assim como a composição “Águas Rasas”, as capturas das mãos foram realizadas no apartamento da modelo com iluminação branca de teto, com a preocupação de não gerar sombras duras na parede.

As imagens das texturas (cobertor e papel) foram realizadas em estúdio, com luz contínua única para aumentar o contraste dos objetos em questão.

Figura 17: Conjunto de capturas - Remendo

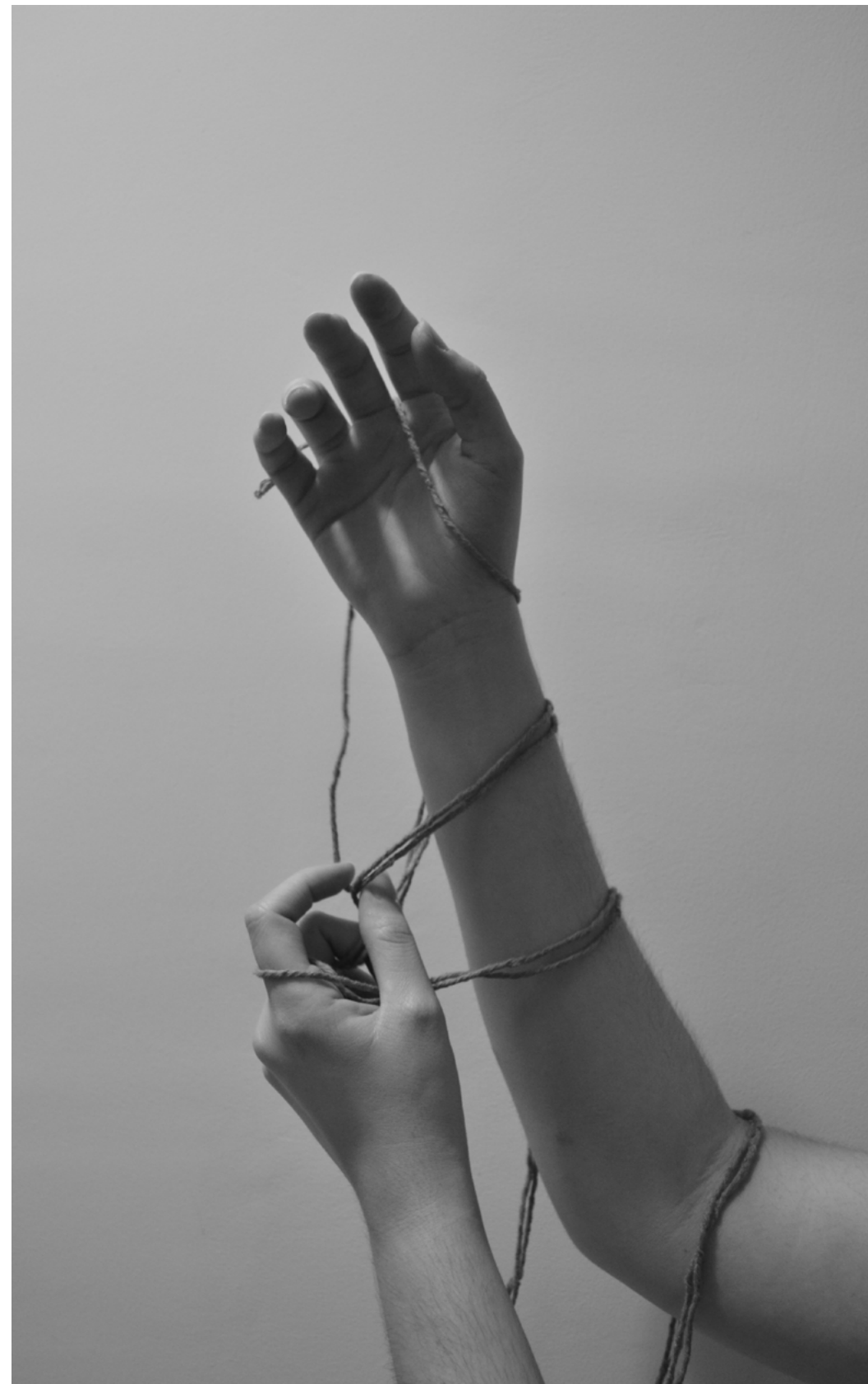


NIKON D3100

18-55mm

RAW+JPEG | Monocromático

ISO800 22mm f/5 1/60s



ISO100 44mm f/20 1/4s



ISO800 f/5 1/60s



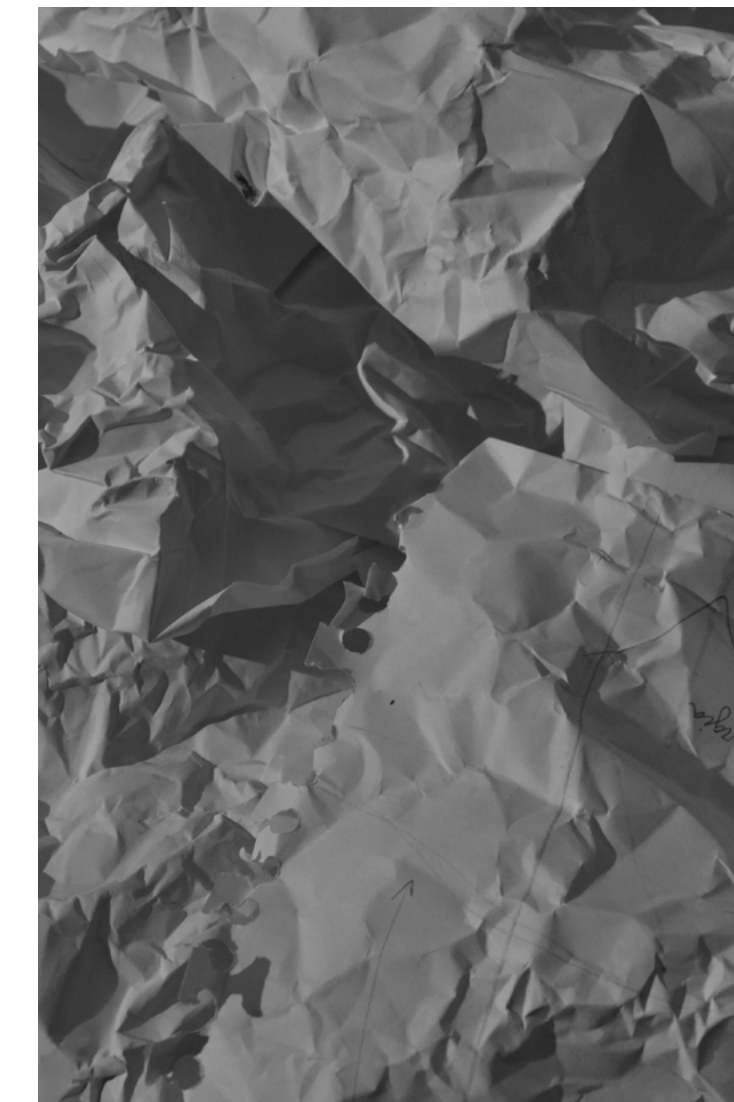
ISO800 f/5 1/60s



ISO400 f/8 1/6s



ISO400 f/8 1/25s



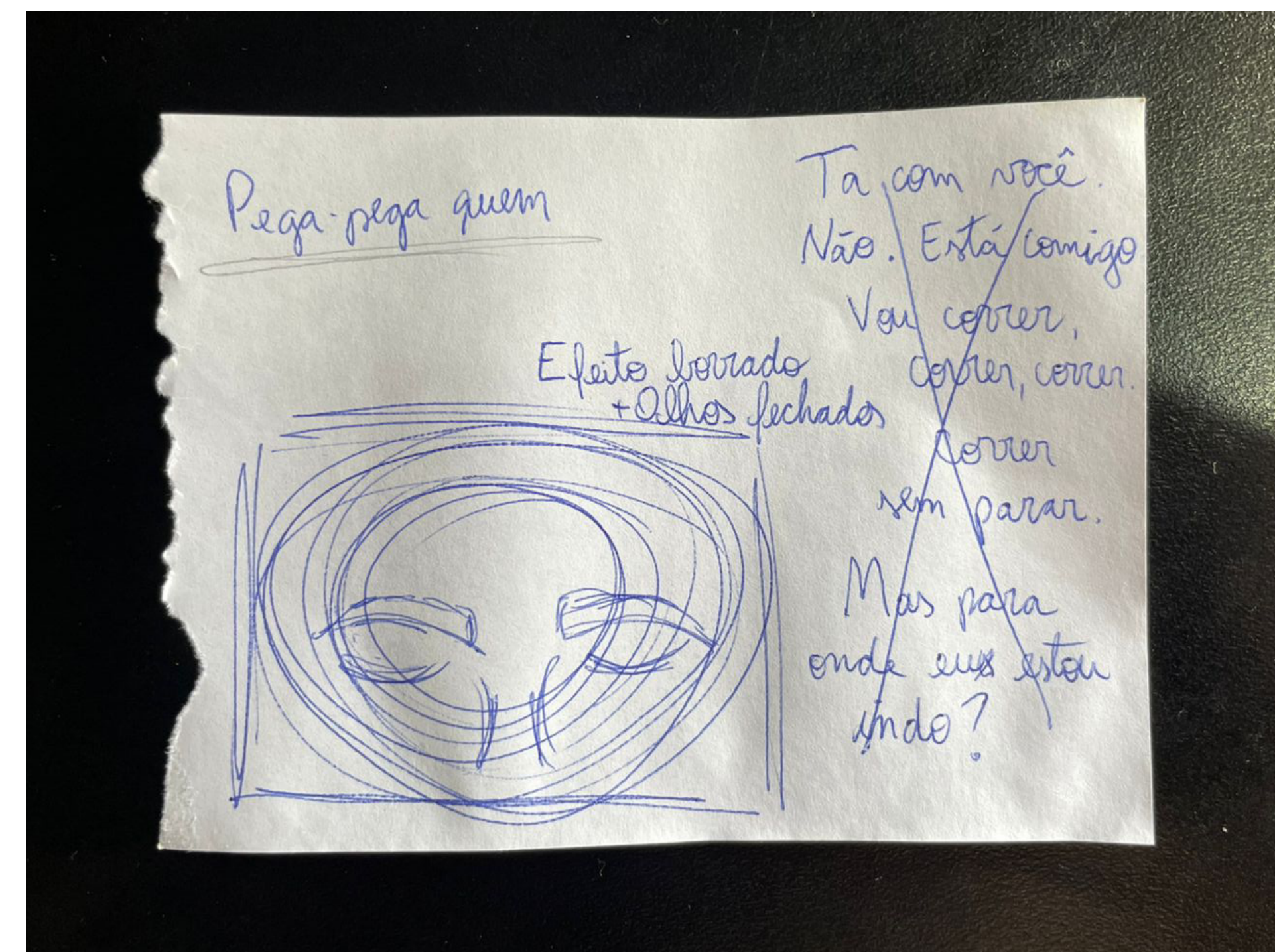
6.6 Evasão

Partindo de outra conversa trabalhada na psicoterapia, “evasão” vem para trazer a ideia de fuga. Às vezes disfarçada de corrida rumo a algum objetivo, os sentimentos de *ansiedade* e *exaustão* são representados com movimentos borrados.

Essa composição visa ser mais focada no caos, uma sensação de estar se jogando pra lá e pra cá, acelerando passos que não dão em um ponto concreto.

Para trazer mais esteticamente a ideia de desgaste, as fotos seriam rasgadas fisicamente e compostas digitalmente, mas, novamente, optou-se por seguir de forma mais simplificada e uniforme com o restante da série.

Figura 18: Esboço 1 - Evasão



Evasão

COMPOSIÇÃO 06

*Desgaste de uma corrida sem fim
Não há mais ninguém na pista.*

Estúdio

Fundo branco e cinza alternados, vazio, sem pontos de distração. Alternar com peças claras e escuras para teste de contraste com o fundo.

Modelo em movimento. Borrões, velocidade, câmera em movimento.

Modelo: Ana Laura Vieira da Silva

Figura 19: Referências - Evasão



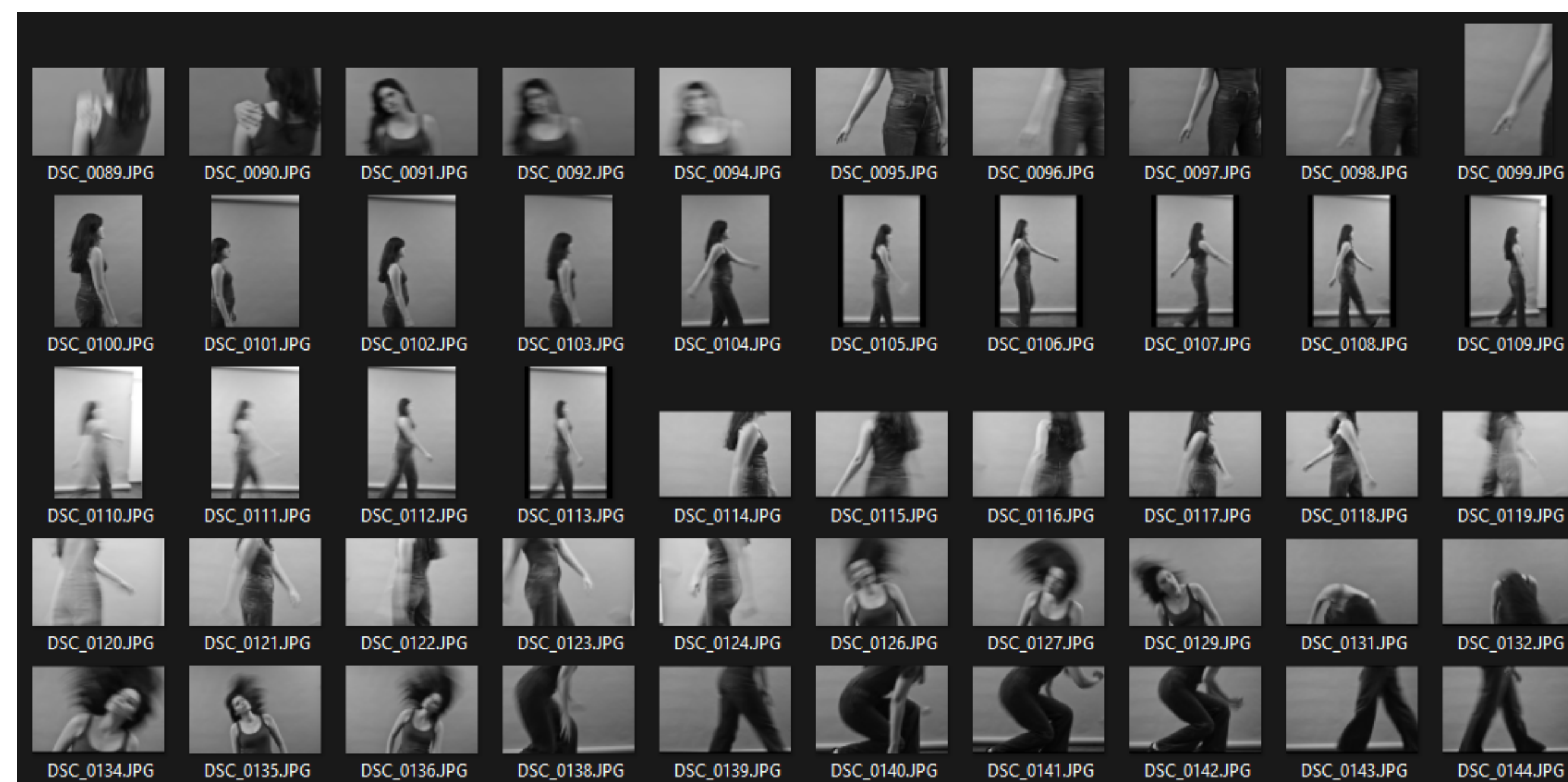
Fonte: Imagens coletadas no Pinterest - Autorias não registradas

Na segunda ida ao estúdio Virtude, repetiu-se a iluminação* mas agora com o fundo cinza. Entre movimentos rápidos por parte da modelo e com a própria câmera, as cenas intercalam passadas e outros gestos corporais.

*SOKANI X60RGB - 4600K - 70%

Além das imagens selecionadas, foram testados alguns movimentos com a sombra da modelo projetada no fundo infinito. Apesar do resultado ficar como o esperado, não foi levado adiante pela preferência das poses com os detalhes do corpo real.

Figura 20: Conjunto de capturas - Evasão



NIKON D3100

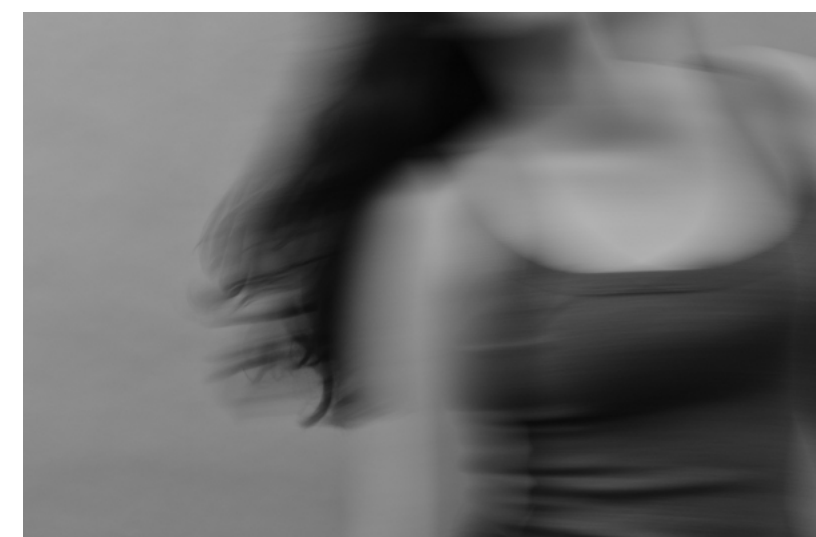
18-55mm

RAW+JPEG | Monocromático

ISO400 34mm f/8 1/6s



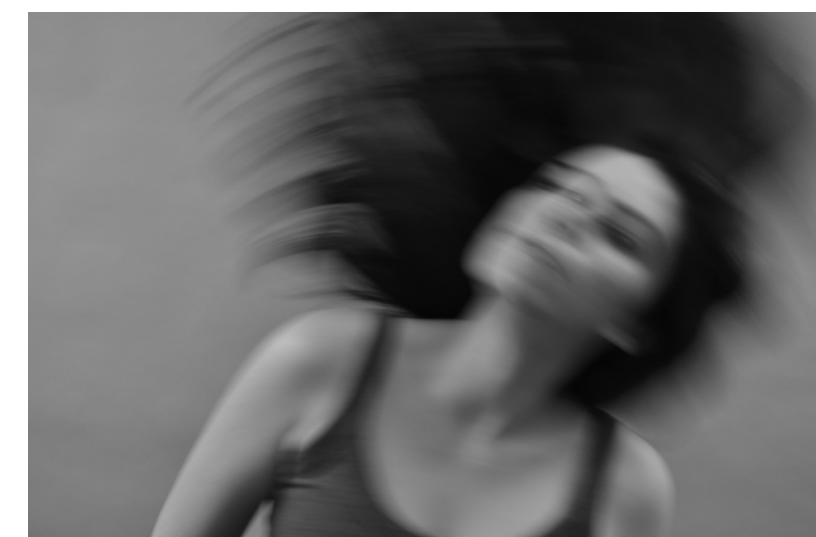
ISO400 f/8 1/6s



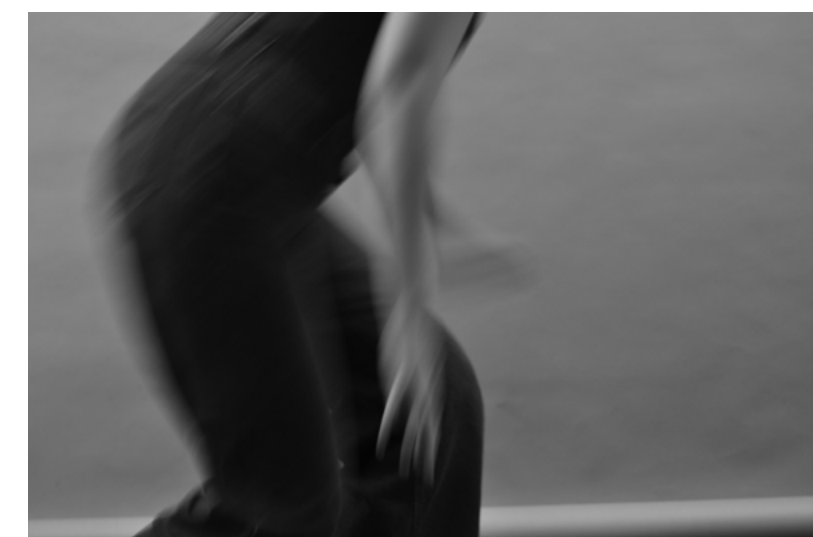
ISO400 f/5,6 1/5s



ISO400 f/5,6 1/15s



ISO400 f/8 1/6s



ISO400 f/5 1/15s



ISO800 46mm f/9 1/80s



Após cada sessão fotográfica, foi realizada uma pré-seleção das capturas com maior potencial para serem trabalhadas nas composições, levando em conta: pose, movimento, textura, contraste e repetição.

Como já mencionado anteriormente, as fotos foram realizadas com o modelo de câmera Nikon D3100 com lente 18-55mm e no modo de cor “monocromático” para identificar os contrastes na escala de cinza no momento das próprias capturas.

Além disso, utilizei o recurso de fotografar em RAW+JPEG, para que cada extensão tivesse seu propósito. Para fins de apresentação desse trabalho, utilizei para o tratamento e edição o formato JPEG em alta resolução. As capturas

ficaram fotometradas da forma como era esperado e os ajustes seriam de pequenas correções, por isso a justificativa em ter trabalhado dessa forma.

Posteriormente, caso precise de maiores intervenções ou vise realizar a impressão dessas fotos, os arquivos em RAW podem ser acessados e trabalhados para uma maior qualidade de arquivo final.



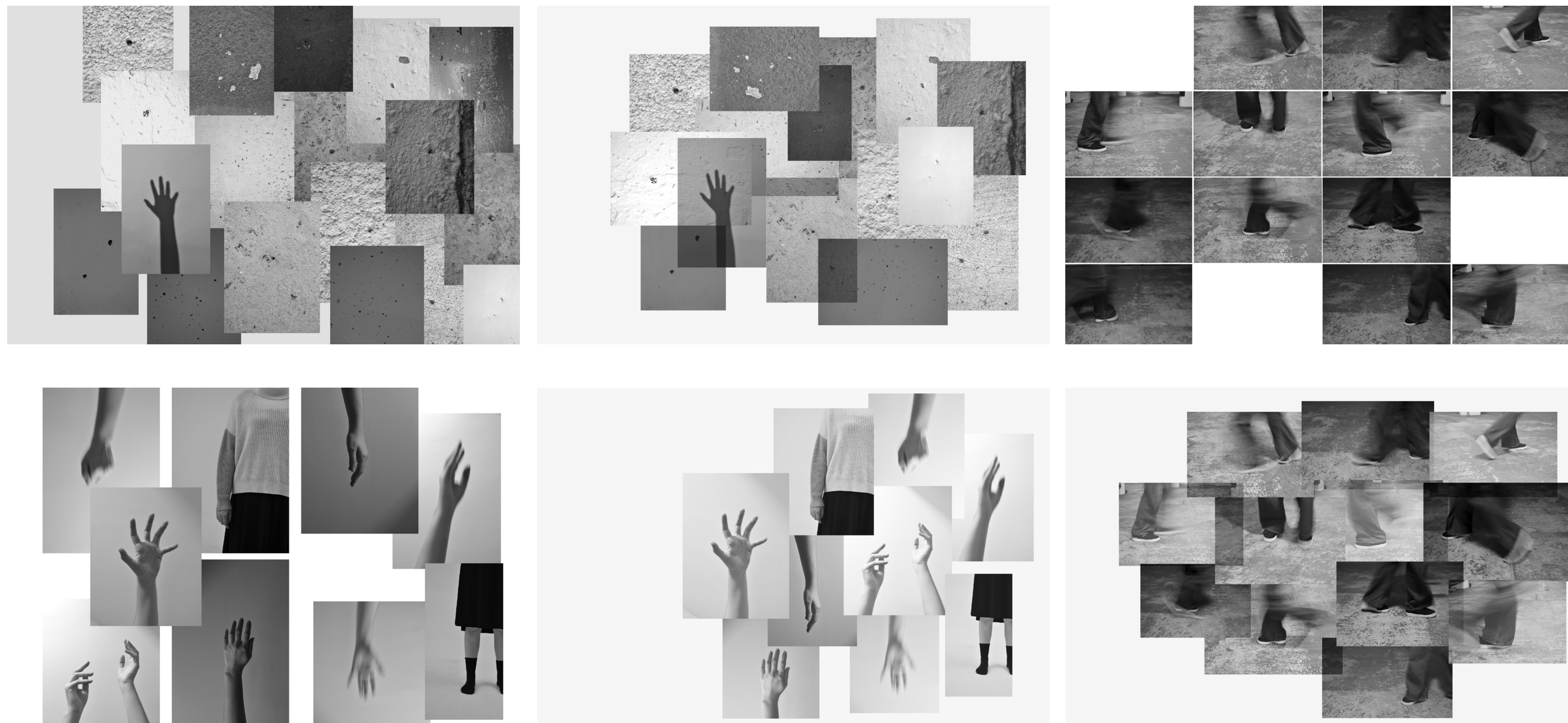
Já com as seleções, foi criado um espaço de trabalho de 3000x3000px no Adobe Photoshop para o agrupamento e tratamento das capturas. Como a maioria das fotos foi realizada no mesmo ambiente e com mesma iluminação, o tratamento de contraste foi aplicado de forma geral em cada grupo, tendo ajustes individuais de acordo com a necessidade.

Os testes de edição foram realizados de forma experimental com sobreposições, enquadramentos, repetições, pesos, espaços negativos e opacidade das imagens. Ao lado exemplifico algumas tentativas que foram evoluindo até atingirem os resultados finais que apresento no capítulo seguinte.



Figura 21: Testes de edição - Desventura

Figura 21: Testes de edição - Abstrato - Congestionamento - Águas rasas



RESULTADOS

Fluidez àquilo que tanto me enrijece

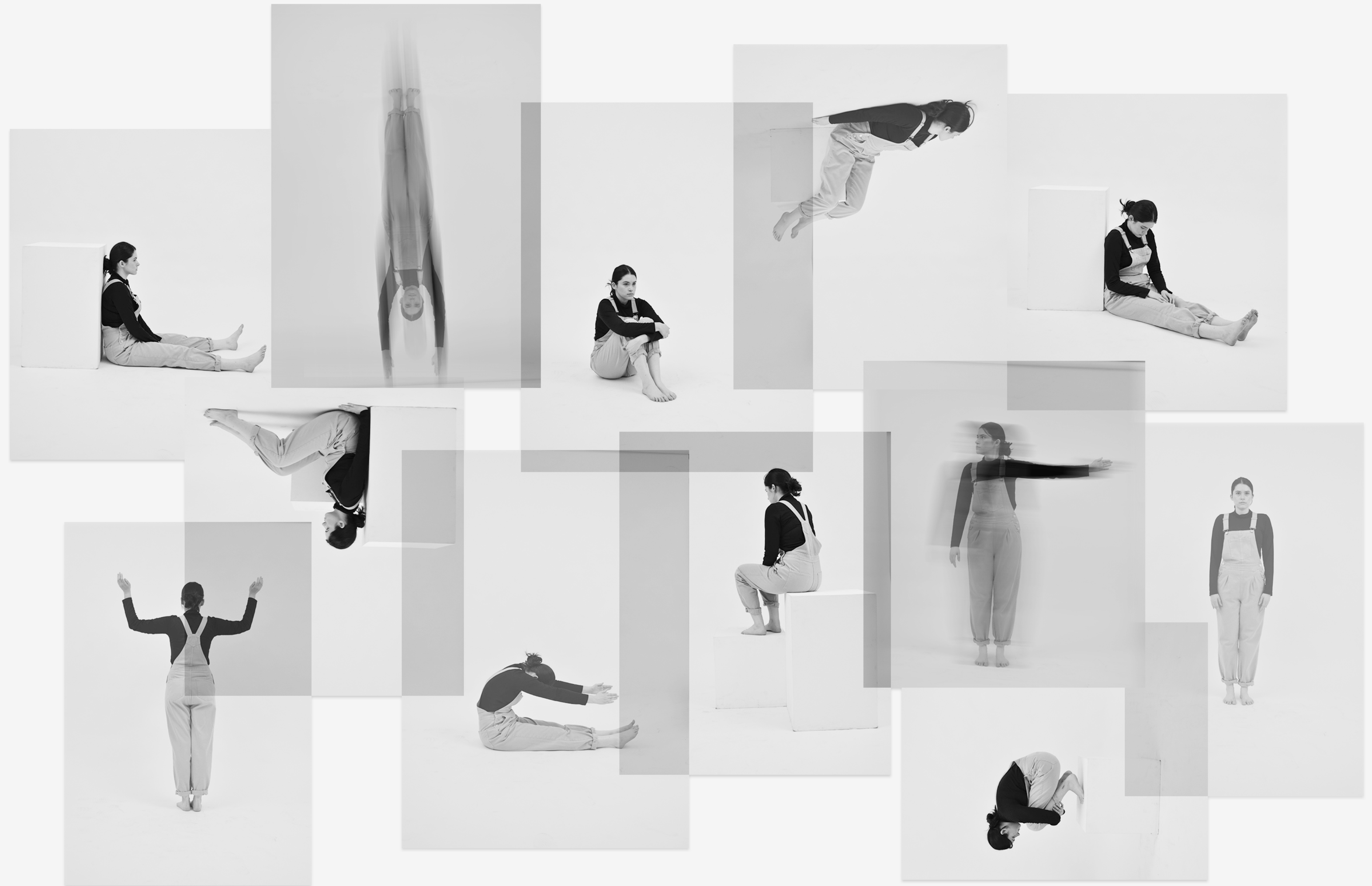
Não há começo, meio e fim. Não há clímax. O contexto não foi linear como um roteiro e até arrisco dizer que não se encerrou.

O conceito geral das composições se alterna entre movimentos desgastantes, sem direção e, de forma complementar, a paralisação.

A série “Tanto faz que nada fez” conta com 6 composições fotográficas realizadas em formato digital, com captura, tratamento e edição em escala de cinza.

Não é necessariamente uma criação, e sim um relato.

DESVENTURA



*Caminhos e apostas.
A desventura dos jogos de azar.*

REMENDO



*Reaprender a sentir
Um eterno remendar-se.*

CONGESTIONAMENTO



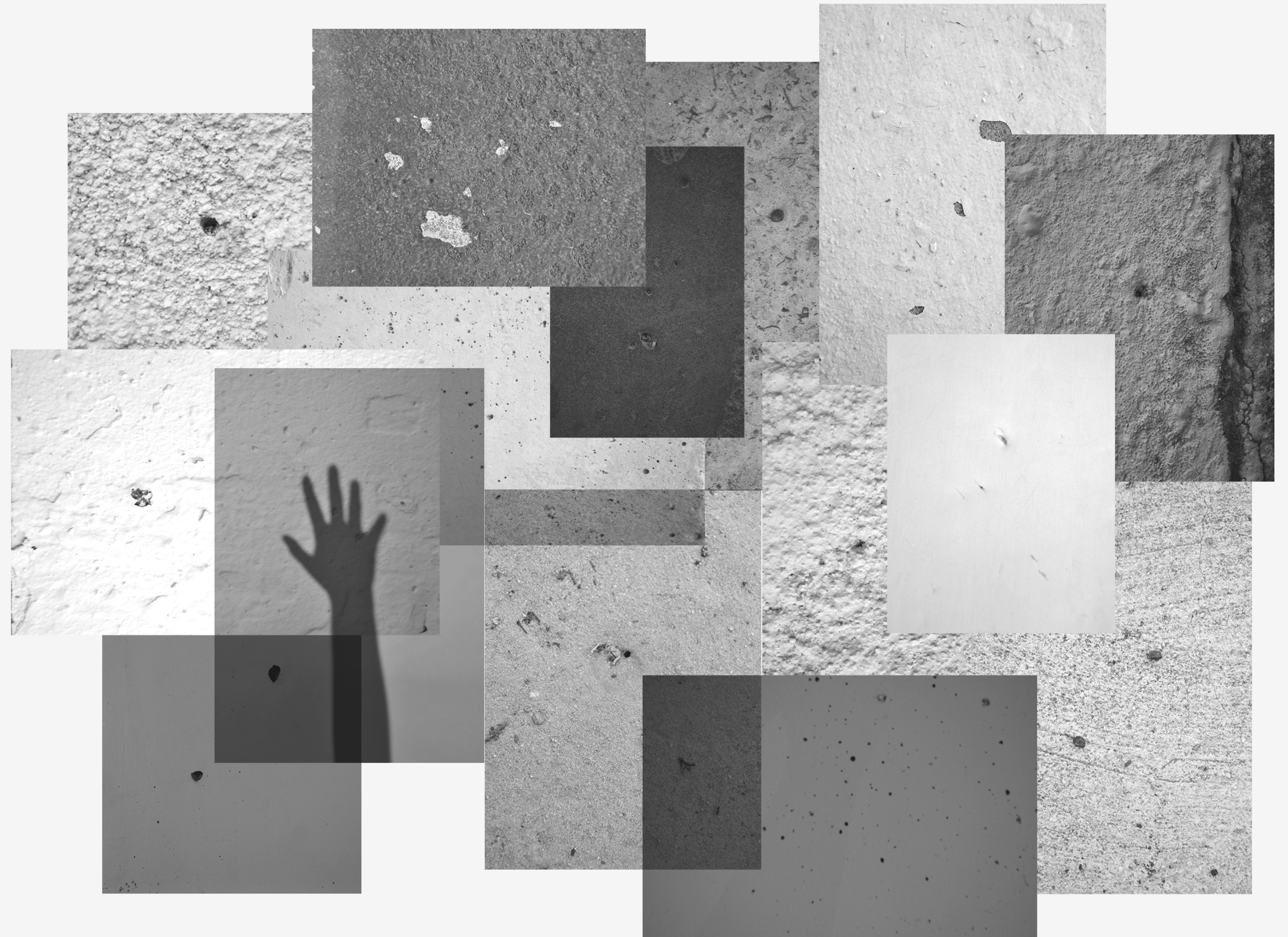
*Ir e voltar
Não saber como se dá o segundo passo.*

ÁGUAS RASAS



*O resgate vem de algo, alguém, um milagre...
Menos das próprias mãos.*

ABSTRATO

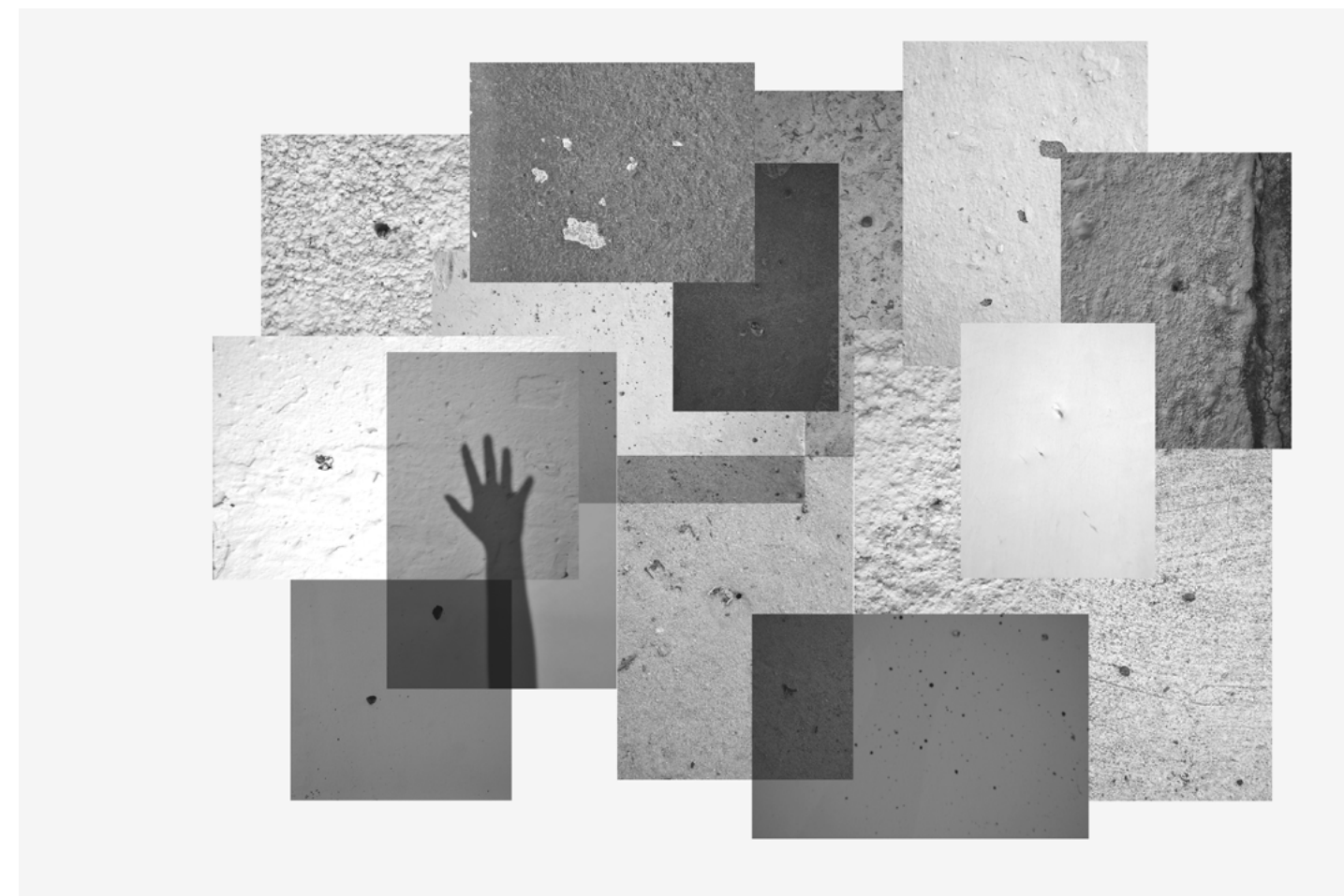


*Conectar os pontos
Ver as formas.*

EVASÃO



*Desgaste de uma corrida sem fim
Não há mais ninguém na pista.*



CONSIDERAÇÕES

O começo do fim ou o fim do começo

O quão difícil foi finalizar esse projeto? Nem se compara ao peso de começá-lo. Às vezes é contraditório pensar nessa situação, mas dar o primeiro passo sempre acompanhava os centenas de passos possíveis que viriam além. Por muito tempo fugi da fotografia por medo, medo de perceber que não sou tão capaz numa área que eu tenho tamanho apreço. Como mesma disse minha psicoterapeuta que me acompanhou por quase dois anos até aqui: eu estava colocando meu sonho à prova. Isso não parece pouca coisa.

Busquei orientações de duas professoras de área diferentes para me ajudar a dar início de uma vez por todas no temido TCC, e claramente a fotografia se mostrou mais forte. O que vinha sendo um projeto pessoal

sem intenção específica, veio a ser o que me empenharia o restante do ano.

Tanto faz que nada fez não é uma criação, é um registro. Um relato fotográfico de um período vivido, sentido e que não visoesquecer. Mesmo sendo desagradável e assustador em alguns momentos, consegui passar por essa fase aprendendo sobre muitas coisas e sobre mim, e este é um conhecimento que nunca é demais. Trazer esse contexto para a circunstância de um trabalho de conclusão de curso era um peso a mais e que pensei duas vezes se valeria a pena adicionar, mas concluí que sim. Sim, porque era um assunto tão vivo e presente nos meus dias e influenciou em como minha vida se desenrolou, que quis dar espaço e voz ao que tanto me silenciava.

Me encanto com diversas ramificações da fotografia, mas o que mais pratico é a fotografia cotidiana, o que eu gosto de chamar de registros do acaso. Sair por aí buscando recortes, histórias, momentos e ressignificando cenas. Para este trabalho me arrisquei fazendo outro tipo de fotografia: àquela que se constroi. Me percebi tendo que pensar em vários detalhes de uma vez, contando com: agenda pessoal, agenda da modelo, agenda do estúdio fotográfico, vestimenta, iluminação, adereços, composição, contrastes, relação com o sentimento em questão, conceito geral, nome, apoio textual, texturas, configurações técnicas e ambientes extras.

Ainda sobre dificuldades, o fato de cada composição conter várias fotos fez com que eu precisasse analisar além das capturas para entender o que poderia ou não funcionar. Gosto de pensar que fotógrafos realizam a foto antes mesmo de levar a câmera até os olhos, mas me deparei com a dificuldade de compor sem uma construção evidente. A partir dessa condição, em alguns momentos me vi frustrada e perdida com a modelo a minha frente esperando uma direção para se posicionar. Talvez só após escrever todos esses itens que me dei conta de que realmente eram muitas etapas e pouco tempo para que ficasse

mais organizado e simples no momento das capturas em si. Planejar e realizar demanda muita energia e preparo e, nos últimos meses, eu não consegui me entregar 100% para um projeto que valia esse esforço. Mas, apesar de tudo e surpreendendo a mim mesma, me encontro satisfeita com os resultados alcançados até aqui.

Com base nisso tudo, reconheço ainda que este é um protótipo de uma série que tem muito espaço para crescer. Como descrito no capítulo do processo, haviam vários recortes para serem trabalhados, algumas reflexões que merecem ser desenvolvidas. Dentre muitos motivos, para um trabalho acadêmico (mesmo que de forma secundária),

escolhi quão vulnerável eu
gostaria de me apresentar;

o quê e como eu trabalharia assuntos que foram sim muito delicados.

Para a ampliação da série, pontuo a importância de um maior referencial, tanto visual quanto teórico. Gostaria de ler materiais do ramo da psicologia a fim de descobrir potenciais para lidar com tais questões através de expressões pessoais. Além disso, buscar no campo das artes e por profissionais de fotografia que trabalharam temáticas semelhantes, com o objetivo de compreender melhor as técnicas, composições, narrativas e conceitos estéticos para enriquecer minha produção. De forma complementar, a pós produção também possibilita mais testes gráficos, materiais, texturas e suportes para materialização das fotografias. Acredito ainda ser válido deixar em aberto a ideia de expor essa série, mas não com as composições atuais, e sim após esse maior desenvolvimento.

Como considerações finais, é possível refletir sobre etapas que eu senti mais dificuldade, como a organização prática das sessões, e outras que fluíram melhor, como o processo de edição e relato escrito. Trazer também o ponto alto desse processo: sentir que, lá no estúdio fotográfico, eu era a responsável pelo projeto, quem segurava a câmera e que iria fazer as ideias acontecerem. Tanto faz que nada fez é o primeiro projeto que realizo inteiramente, por isso é tão natural enxergar

os pontos fracos que merecem mais atenção.

Não sei se é arriscado tratar dessa forma, mas expressar esses sentimentos mais introspectivos através da linguagem fotográfica, que declaro ser a minha preferida, pode ter ajudado a digerir melhor sobre a fase vivenciada, talvez trazendo um pouco de ressignificado para alguns pontos. Dentre vários “tanto faz”, venho fazendo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aqueles tão sensíveis quanto eu

FREUND, Gisèle. La fotografia como documento social. Barcelona: Gustavo Gili, S.A, 1976.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MARTINS, Nelson. Fotografia: da analógica à digital. 3. reimpr. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2014.

PEREIRA, André Luis Bueno Alves. Fotografia e identidades: expressão pessoal e representação social. 2020. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020.

ROSA, J. G. Tutaméia - Terceiras Estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.

ROUILLÉ, André. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. O Ser e o Nada. São Paulo: Editora Vozes, 1997.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Companhia das Letras, 2003.

